

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANA FERNANDES CORRÊA NUNES

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS: ASPECTOS SINTÁTICOS

CURITIBA

2020

JULIANA FERNANDES CORRÊA NUNES

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS: ASPECTOS SINTÁTICOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Rodrigues

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Nunes, Juliana Fernandes Corrêa

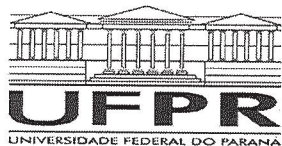
Orações subordinadas adverbiais finais : aspectos sintáticos. / Juliana  
Fernandes Corrêa Nunes. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Rodrigues

1. Língua portuguesa - Verbos. 2. Linguística aplicada. 3. Língua  
portuguesa – Gramática. I. Rodrigues, Patrícia de Araujo, 1960 -. II. Título.

CDD – 469.5



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -  
40001016016P7

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JULIANA FERNANDES CORRÊA NUNES** intitulada: **Orações subordinadas adverbiais finais: aspectos sintáticos**, sob orientação da Profa. Dra. **PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2020.

PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARCOS BARBOSA CARREIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

ANDREA KNOPFLE

Avaliador Externo (PROFESSOR PESQUISADOR)

## AGRADECIMENTOS

À minha irmã, à minha mãe e ao meu cunhado Rodrigo, por terem me dado força e apoio para que eu me mudasse para Curitiba e realizasse meu Mestrado.

Ao meu tio Marcos, que sempre acompanhou todos os passos dos meus estudos.

À Jaqueline Pontes, Cecília Macedo e Samuel Mattos, amigos que mesmo distantes estavam tão próximos.

À Bruna Martioli, minha “mentora”, e à Thayná Mariussi, que sempre me acompanha nas apresentações.

Aos meus alunos/ex alunos e às equipes do On The Way Idiomas/Ebanx, Centro Europeu e Wizard, que foram minhas companhias diárias nesses dois anos.

A todos os professores que passaram por minha vida, em especial, à Nilceia Paixão, primeira mulher que me inspirou a ser professora, à Adriana Leitão, minha primeira professora de Linguística e à Patrícia Rodrigues, por toda a dedicação em minha orientação.

A Deus, pela companhia, e por ter me dado o privilégio de estudar em excelentes universidades.

“A vontade de ficar intrigado com o mundo é algo muito valioso e deve ser cultivado desde a infância até as pesquisas mais avançadas.” (CHOMSKY, 2018)

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo contribuir para uma descrição mais ampla das orações adverbiais finais no português brasileiro, visto que os estudos gramaticais tradicionais não fornecem uma descrição abrangente dessas orações, e que estudos linguísticos sobre essas orações são pouco numerosos. Além de apresentar as pesquisas sobre as orações finais do português, discutimos também outras questões relativas a essas orações a partir de descrições para as orações finais do inglês (WHELPTON, 1995), do polonês (JEȚDRZEJOWSKI, 2018) e do alemão (JEȚDRZEJOWSKI, 2019). A descrição que propomos se concentra essencialmente em aspectos sintáticos das subordinadas adverbiais finais infinitivas. Apresentamos inicialmente as diversas orações iniciadas pelo conector *para* seguido de verbo no infinitivo com o objetivo de diferenciar as orações finais de outras orações infinitivas iniciadas por esse conector, como completivas, relativas, concessivas, consecutivas e condicionais. Um caso mais específico, ainda não estudado no português, nos chamou a atenção e também foi descrito nesta dissertação: as orações mirativas, assumindo a nomenclatura proposta por JeȚdrzejowski (2019), que têm a forma típica das orações finais infinitivas, mas não possuem a mesma leitura típica de finalidade, transmitindo, sobretudo, um sentido de surpresa. Esse tipo de oração foi observado por Whelpton (1995) em inglês e por JeȚdrzejowski (2018; 2019) em alemão e em polonês. Verificamos a partir de alguns estudos (NEVES, 2011; LOBO, 2003, 2013) que as orações finais não apenas denotam a finalidade do evento expresso na oração matriz, mas também podem modificar o ato de fala. Essas orações são denominadas orações finais de enunciação. A partir de Lobo (2003), realizamos alguns testes para diferenciar sintaticamente as orações finais de evento das orações finais de enunciação, o que nos permitiu concluir que as primeiras podem ser classificadas como integradas, adjuntas ao VP, e as últimas, como periféricas, adjuntas a uma posição acima de TP. Finalmente, realizamos uma distinção interpretativa e estrutural das típicas orações finais em oposição às orações finais de enunciação e orações mirativas. Concluimos que há semelhanças na sintaxe das orações finais e mirativas, no sentido de que ambas seriam adjungidas no interior de TP.

**Palavras-chave:** Subordinação. Oração Final. Oração Mirativa.

## ABSTRACT

This study aims to contribute to a broader description of the final clauses in Brazilian Portuguese, since traditional grammatical studies do not provide a comprehensive description of these clauses, and the linguistic studies on these clauses are few. Beside presenting researches on the final clauses of Portuguese, we also discussed other issues related to these clauses from descriptions for the final clauses of English (WHELPTON, 1995), Polish (JĘDRZEJOWSKI, 2018) and German (JĘDRZEJOWSKI, 2019). The description we propose focuses essentially on syntactic aspects of the final adverbial infinitive clauses. We initially presented the various clauses initiated by the connector *para* followed by an infinitive verb in order to differentiate the final clauses from other infinitive clauses initiated by this connector, as completive, relative, concessive, consecutive and conditional. A more specific case, not yet studied in Portuguese, caught our attention and was also described in this dissertation: the mirative clauses, assuming the nomenclature proposed by Jędrzejowski (2019), which have the typical form of the infinitive final clauses, but do not have the same typical reading of purpose, transmitting, above all, a sense of surprise. This type of sentence was observed by Whelpton (1995) in English and by Jędrzejowski (2018; 2019) in German and Polish. We verified from some studies (NEVES, 2011; LOBO, 2002, 2013) that the final clauses not only denote the purpose of the event expressed in the matrix sentence, but can also modify the speech act. These sentences are called enunciation final clauses. Starting with Lobo (2003), we performed some tests to syntactically differentiate the event final clauses from the enunciation final clause, which allowed us to conclude that the first one can be classified as integrated, adjunct to the VP, and the last one as peripheral, attached to a position above TP. Finally, we made an interpretive and structural distinction from typical final clauses as opposed to enunciation clauses and mirative clauses. We concluded that there are similarities in the syntax of the final and mirative clauses, in the sense that both would be added within TP.

**Keywords:** Subordination. Final clauses. Mirative clause

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - FORMATO X-BARRA	21
FIGURA 2 - ESTRUTURA DA SENTENÇA	21
FIGURA 3 - IP ESTENDIDO	22
FIGURA 4 - REPRESENTAÇÃO DA POSIÇÃO DE UM ADJUNTO	23

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	17
<b>2 ESTUDOS GRAMATICAIS</b> .....	21
2.1 COORDENAÇÃO VS. SUBORDINAÇÃO .....	21
2.2 ORAÇÕES SUBORDINADAS.....	24
2.3 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS .....	28
2.4 CONCLUSÃO .....	34
<b>3 PARA + INFINITIVO</b> .....	35
3.1 PARA + ORAÇÕES COMPLETIVAS .....	35
3.2 PARA + ORAÇÕES RELATIVAS .....	37
3.3 PARA + OUTRAS ORAÇÕES ADVERBIAIS.....	39
3.4 CLASSIFICAÇÃO DO CONECTOR “PARA” .....	41
3.5 CONCLUSÃO.....	43
<b>4 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS</b> .....	45
4.1 ENCAIXAMENTO VS. HIPOTAXE .....	45
4.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS .....	47
4.3 ORAÇÕES FINAIS DE EVENTO VS. DE ENUNCIÇÃO .....	50
4.4 ORAÇÕES ADVERBIAIS PERIFÉRICAS VS. INTEGRADAS .....	52
4.5 CONCLUSÃO .....	57
<b>5 ORAÇÕES FINAIS DE EVENTO E ORAÇÕES MIRATIVAS</b> .....	59
5.1 DIFERENÇAS INTERPRETATIVAS .....	59
5.2 PROPRIEDADES ESTRUTURAIS DAS ORAÇÕES FINAIS .....	63
5.3 AS ORAÇÕES MIRATIVAS .....	68
5.4 CONCLUSÃO .....	72
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho são as tradicionalmente chamadas orações subordinadas adverbiais finais, caracterizadas na gramática como orações que expressam uma finalidade ou intenção que motiva a ação expressa na oração matriz. Essas orações são prototipicamente iniciadas pelos conectores *para / a ..... de*, seguidos do verbo no infinitivo (1a) ou no subjuntivo (1b). As gramáticas tradicionais denominam essas orações de reduzidas e desenvolvidas, respectivamente. Nas orações em (1), por exemplo, as orações destacadas expressam a finalidade de Ana ter ligado a televisão.

(1) a. A Ana ligou a televisão *para / a fim de* ver o jogo do Brasil.

b. A Ana ligou a televisão *para / a fim de* que ela pudesse ver o jogo do Brasil.

Os estudos gramaticais tradicionais, contudo, não se estendem na análise e descrição dessas orações, especificando apenas o seu significado, suas formas (reduzidas e desenvolvidas) e os conectores que as introduzem. Com relação aos estudos linguísticos, não são muitos a tratarem das orações finais do português: por exemplo, Neves (2011) e Silvestre e Rodrigues (2017) abordam as orações adverbiais finais do português brasileiro de um ponto de vista funcionalista; Mateus et alii (2003), Lobo (2003; 2013), Duarte et alii (2015) e Magalhães (2016) abordam as orações adverbiais finais do português europeu de um ponto de vista gerativista. Esses trabalhos, no entanto, não fornecem uma descrição abrangente das orações finais: ou tratam dessas orações de forma mais generalizante, sem aprofundar a descrição, ou discutem pontos específicos, deixando de lado vários outros aspectos relevantes, como veremos a seguir.

Dessa forma, o objetivo central deste estudo é contribuir para uma descrição mais ampla das orações adverbiais finais do português brasileiro, reunindo as descrições encontradas nos trabalhos mencionados e levantando outras questões relativas a essas orações a partir de descrições para as orações finais do inglês

(WHELPTON, 1995), do polonês (JEŃDRZEJOWSKI, 2018) e do alemão (JEŃDRZEJOWSKI, 2019). A descrição que propomos se concentra essencialmente em aspectos sintáticos das subordinadas adverbiais finais infinitivas: um recorte é necessário devido ao tempo disponível para a pesquisa, e a oração final infinitiva é o tipo de oração final mais estudado na literatura, principalmente por apresentar forma semelhante a outros tipos de orações infinitivas, como mostraremos abaixo. O conjunto de exemplos examinados é constituído dos exemplos e traduções de exemplos discutidos nos trabalhos examinados, exemplos criados pela autora do trabalho e exemplos coletados na internet (redes sociais, principalmente). A análise dessas orações se faz a partir do arcabouço teórico gerativista, que busca entender como a linguagem está estruturada na mente dos seres humanos.

Propomos a seguir algumas questões que orientam essa descrição e adiantamos, resumidamente, as discussões propostas na dissertação.

(I) Qual o tratamento dado pelas gramáticas tradicionais às orações adverbiais finais?

Como especificado no início desta introdução, esses estudos não se aprofundam na descrição dessas orações. Contudo, julgamos importante registrar neste trabalho a descrição realizada nesses estudos para as orações subordinadas de modo geral, porque os estudos linguísticos, em termos de classificação das orações subordinadas, não se distanciam muito dos estudos tradicionais. Os autores pesquisados foram Bechara (2009), Rocha Lima (2010) e Cunha e Cintra (2013).

(II) Existem outros tipos de orações iniciadas por *para* + infinitivo que não podem ser classificadas como orações subordinadas adverbiais finais?

A resposta a essa questão é afirmativa. Como mencionado acima, as orações finais são prototicamente introduzidas pelos conectores *para* ou *a fim de*. Contudo as adverbiais finais não constituem o único tipo de oração que pode ser introduzida pelo conector *para*: orações completivas (2a), relativas de finalidade (2b) e outras

adverbiais que não apresentam sentido de finalidade (2c) também podem ser introduzidas por *para*.

- (2) a. Ana pediu para que você traga o vinho.
- b. A faca para cortar bolo está na gaveta.
- c. Fala muito bem o português para ser norueguês (embora seja norueguês).

Um caso mais específico, ainda não estudado no português, é o das orações em (3). Elas têm a forma típica das orações finais infinitivas, mas não possuem a mesma leitura típica de finalidade, transmitindo, sobretudo, um sentido de surpresa. Esse tipo de oração foi observado por Whelpton (1995) em inglês e por Jędrzejowski (2018; 2019) em alemão e em polonês. Whelpton as denomina de orações télicas e Jędrzejowski as denomina de orações mirativas<sup>1</sup>. Ainda que essas orações não possuam a leitura típica de finalidade, elas constituirão, ao lado das orações finais infinitivas, objeto de estudo deste trabalho, levando-se em conta a grande semelhança entre os dois tipos de oração.

- (3) a. Carreguei a sombrinha o dia todo para esquecer ela no cinema!
- b. Ela estudou o ano inteiro para não passar na prova!

(III) As orações adverbiais finais modificam unicamente o evento expresso na matriz?

Não, podem também modificar o ato de fala. Para além dos exemplos mais típicos de orações finais em (1), há outras ocorrências que chamaram a atenção dos pesquisadores. A oração em (4), por exemplo, não é tratada nos estudos tradicionais, e é descrita na literatura como uma oração final, porém, ligada ao ato de fala (NEVES, 2011; LOBO, 2003, 2013). Esta oração é denominada de oração

---

<sup>1</sup> O termo “mirativo” nos estudos linguísticos é comumente atribuído a categorias descritivas que denotam informações novas e/ou inesperadas (cf. De Lancey, 2001).

final de enunciação; em outras palavras, a oração não denota a finalidade do evento expresso na matriz, mas sim a finalidade da própria enunciação da oração matriz.

(4) **Para dizer a verdade**, não sei o que se passa na cabeça do Rei. (Neves, 2011, p. 890)

(IV) Como distinguir sintaticamente as orações finais que modificam a ação expressa na matriz das orações finais que modificam um ato de fala?

Lobo (2003; 2013), com base na distinção proposta principalmente em Haegeman (2002; 2006) entre orações adverbiais integradas e periféricas, analisa as orações finais modificadoras de evento como integradas e as orações que modificam a enunciação como periféricas. Essa denominação diz respeito ao nível de adjunção das orações adverbiais: as integradas, por modificarem o evento, seriam adjungidas abaixo de TP, enquanto as periféricas, modificadoras da frase ou do ato enunciativo, seriam adjungidas acima dessa projeção. Mostraremos como o nível de adjunção das orações pode ser testado quando se consideram fenômenos como alcance da negação e de operadores de foco, com base na noção de c-comando.

(V) As orações finais modificadoras de evento têm sempre o mesmo comportamento?

Não, as orações adverbiais finais que modificam um evento apresentam comportamentos distintos, mas, no caso do português, essas diferenças não são geralmente discutidas em detalhes. Como especificado acima, os estudos linguísticos sobre as orações finais do português ou são generalizantes ou tratam de pontos mais específicos. Duarte et alii (2015), por exemplo, que discutem as adverbiais finais apenas com o intuito de distingui-las das relativas finais, dividem as orações adverbiais finais em dois subtipos: aquelas que apresentam um elemento nulo não sujeito (5a) e aquelas que podem apresentar um elemento nulo sujeito

como *PRO* (arbitrário ou controlado) ou *pro* (5b-c). Duarte et alii (2015), no entanto, não aprofundam a discussão sobre as diferenças entre esses tipos de oração.

(5) a. Trouxe [ o artigo]<sub>i</sub> para casa [para o Pedro rever [-]<sub>i</sub> logo]. (DUARTE et alii, 2015, p. 242-243)

b. Comprei um portátil novo [para PRO agradecer ao Pedro].<sup>2</sup>

c. Comprei um portátil novo [para pro/nós agradarmos ao Pedro].

Com base no estudo de Whelpton (1995) para as infinitivas de finalidade do inglês, veremos que, nas orações finais do primeiro grupo (5a), o “gap” obrigatório, está sempre relacionado como objeto direto ou tema da matriz. Nas orações finais do segundo grupo, o elemento nulo, quando presente, ocupa a posição de sujeito e está sempre relacionado com um agente da matriz. Veremos ainda que, nas orações do primeiro grupo, o conector *para* não pode ser substituído pelo conector *a fim de*, enquanto nas orações do segundo grupo essa substituição é possível.

(VI) Há semelhanças sintáticas entre as orações mirativas e as orações finais tradicionais?

Com base em testes sintáticos utilizados em Lobo (2003) para determinar a sintaxe externa de orações adverbiais, assumimos que há semelhanças sintáticas entre essas orações, no sentido de que ambas são adjungidas a posições no interior de TP.

Em suma, essas questões enquadram a descrição que propomos neste trabalho, qual seja uma descrição mais abrangente das orações subordinadas adverbiais finais infinitivas do português, em contraposição especialmente às orações que denominamos mirativas, assumindo a nomenclatura proposta por Jędrzejowski (2019) para as orações exemplificadas em (3), com forma típica das

---

<sup>2</sup> Duarte et alii (2015) reconhecem a ambiguidade da sentença, considerando que o infinitivo pode ser impessoal, com PRO como sujeito, ou pessoal, com *pro* como sujeito.

orações finais infinitivas introduzidas por “para”, mas que não possuem o sentido típico de finalidade, indicando sobretudo uma atitude de surpresa.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira. No primeiro capítulo, é apresentada a fundamentação teórica do trabalho, em que se discute brevemente a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986, 1995), com foco em apenas algumas definições mais relevantes para este trabalho. No segundo capítulo, dado que os estudos linguísticos, em termos de classificação das orações subordinadas, não se distanciam muito dos estudos tradicionais, são expostas descrições acerca dos períodos compostos e das orações subordinadas de maneira geral de acordo com a visão da Gramática Tradicional, bem como uma descrição mais detalhada das orações subordinadas adverbiais finais, de acordo com a visão da Gramática Tradicional e da Gramática Descritiva<sup>3</sup>. Esse capítulo aborda assim a questão (I) colocada acima.

Com vistas a discutir a questão (II), o terceiro capítulo apresenta outros tipos de orações iniciadas por *para* seguido de verbo no infinitivo, visando distinguir o objeto de estudo deste trabalho desses outros tipos de orações. Incluímos nessa apresentação uma breve discussão sobre o estatuto categorial do conector *para*.

O quarto capítulo apresenta um quadro geral das análises linguísticas para as orações adverbiais finais. No início do capítulo, apresentamos um panorama sobre as orações adverbiais como um todo. Em seguida, abordando as questões (III) e (IV), discutimos a distinção entre orações adverbiais finais de evento e de enunciação e suas respectivas análises.

O quinto capítulo discute as questões (V) e (VI), apresentando uma descrição das orações adverbiais finais modificadoras de evento e das orações mirativas. No sexto capítulo estão as considerações finais deste trabalho.

---

<sup>3</sup> Neste estudo, utilizamos este termo para nos referirmos aos estudos linguísticos que estão em forma de Gramática.

## 1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O presente estudo trata do comportamento sintático das tradicionalmente chamadas orações subordinadas adverbiais finais. Nesta dissertação, esta questão será abordada dentro do arcabouço teórico do Gerativismo, inaugurado por Noam Chomsky em 1957, mais especificamente no âmbito do modelo de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa (Chomsky, 1981; 1986; 1995). Neste capítulo, serão apresentados apenas alguns aspectos da teoria mais relevantes para este trabalho.

É pressuposto no modelo gerativista que a linguagem é um sistema cognitivo dotado de princípios, propriedades inatas a todos os indivíduos e invariáveis a todas as línguas, e de parâmetros, propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela variação entre as línguas.

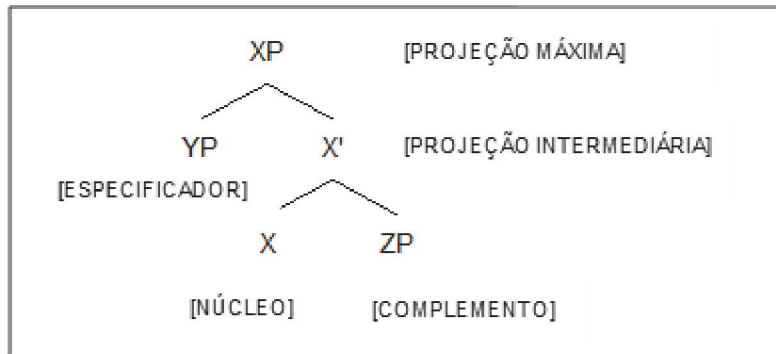
O conjunto dos princípios forma a Gramática Universal, que é o estágio inicial da gramática mental dos seres humanos. Nesse estágio, todas as gramáticas mentais são iguais. A formação da gramática de uma língua particular depende da interação desses princípios com os dados da língua a qual o indivíduo é exposto. À medida que os parâmetros vão sendo fixados, as gramáticas vão se constituindo e, assim, se distinguindo umas das outras.

Com base nesses pressupostos, o principal objetivo do Gerativismo é buscar entender como a linguagem está estruturada na mente. Para que essa estrutura fosse bem descrita, adotou-se a sentença como unidade básica de análise. Assim, uma teoria passou a ser bastante utilizada para tentar descrever a estrutura sintática das sentenças: a teoria X-barras. Para essa teoria sintática todos os constituintes sintáticos têm o mesmo formato, com um núcleo, um complemento e um especificador, como ilustrado na Figura 1. As sentenças podem assim ser representadas por meio de “árvores sintáticas”, formadas por sintagmas, unidades sintáticas construídas hierarquicamente, dotadas de uma estrutura básica e delimitadas a partir de um núcleo.

No caso dos sintagmas lexicais, a categoria lexical (nome, verbo, adjetivo ou preposição) constitui o núcleo (X) e forma a projeção máxima (XP). Além disso, o

sintagma pode apresentar uma ou mais projeções intermediárias (X'), um especificador (Spec) e o complemento do núcleo (YP).

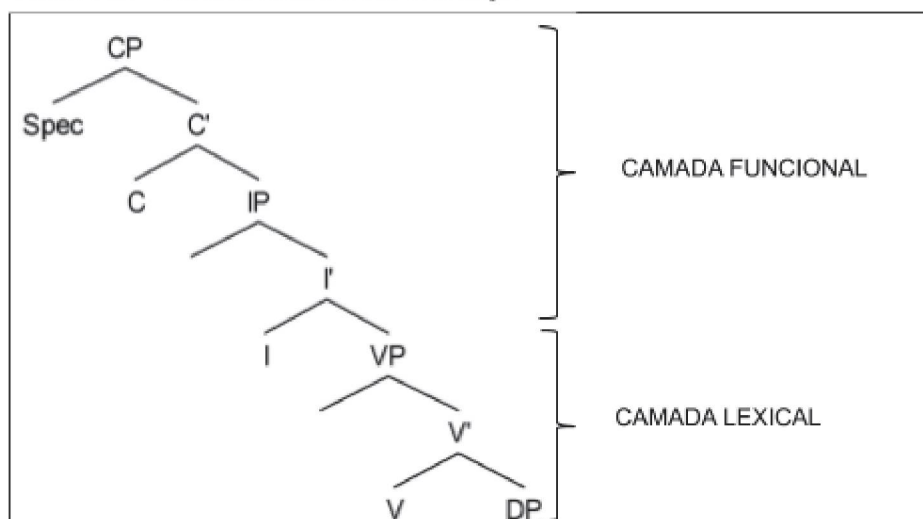
FIGURA 1 – FORMATO X-BARRA



FONTE – O autor (2020)

As categorias funcionais, como complementizador, tempo e concordância, também são consideradas como núcleos de suas próprias projeções. A sentença é então formada por duas camadas: a lexical e a funcional. A camada lexical, composta por projeções de núcleos lexicais, é a camada mais baixa na árvore sintática, e a camada funcional mais acima, é composta por projeções de núcleos funcionais (Figura 2). O VP forma a camada lexical, responsável pela informação argumental. O IP forma a camada gramatical, responsável pelas informações sobre tempo, aspecto, concordância, enquanto o CP forma uma camada de interface com o discurso, abrigo informações sobre modo, finitude, tópico e foco.

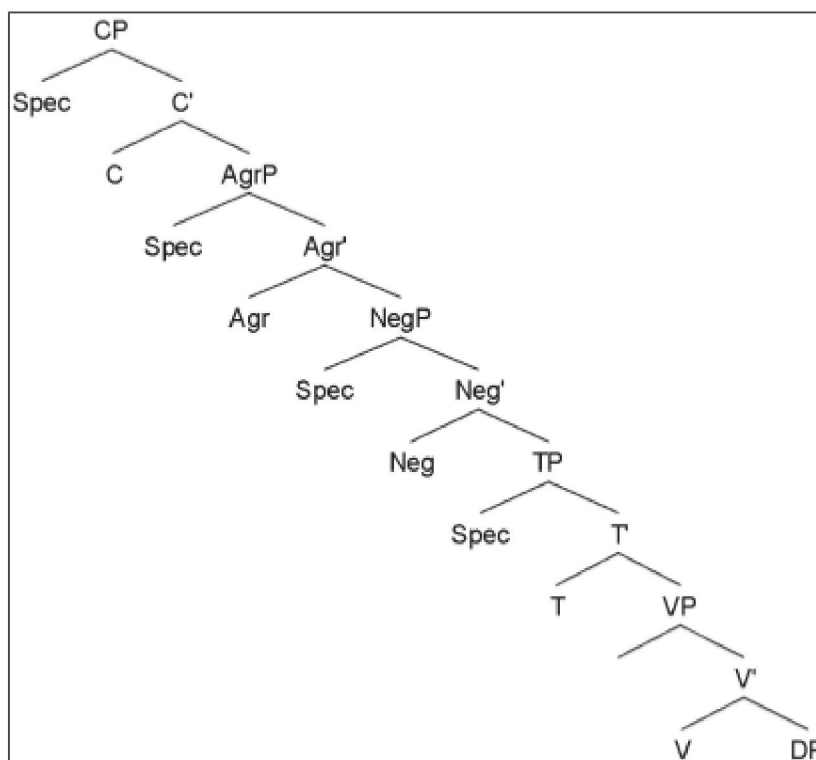
FIGURA 2 – ESTRUTURA DA SENTENÇA



FONTE: O autor (2020)

Em uma fase posterior da Teoria X-Barra, foi proposto por Pollock (1989) e outros estudiosos que as categorias funcionais de tempo (T) e concordância (Agr) projetassem nódulos separados na árvore sintática. Da mesma forma, a negação sentencial seria o núcleo de sua própria projeção na camada gramatical da sentença, selecionando TP como complemento (cf. Mioto et al, 2013). A estrutura dessas categorias funcionais está representada na figura 3.

FIGURA 3 – IP EXPANDIDO



FONTE: O autor (2020)

As próximas definições ajudam a determinar a posição das orações adverbiais na sentença para melhor compreensão nos capítulos seguintes. Após serem constituídos por seu especificador, núcleo e complemento, alguns sintagmas podem ser adjungidos por outros sintagmas. Assume-se que as orações adverbiais são geradas em posição de adjunto no sintagma. Se representarmos um adjunto WP na estrutura arbórea, como está ilustrado na figura 4, ele estará contido na projeção máxima de um núcleo contrariamente a um complemento que, como vimos, está incluído na projeção máxima do núcleo com o qual está relacionado

(YP). Seguem as definições das relações de inclusão e continência tal como apresentadas por Mioto et al. (2013):

#### INCLUSÃO

$\alpha$  inclui  $\beta$  se e somente se todos os segmentos de  $\alpha$  dominam  $\beta$ .

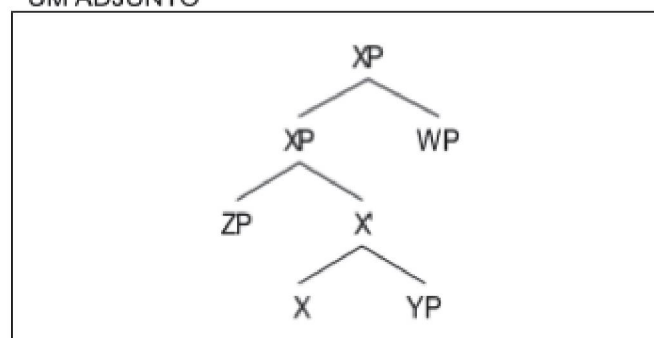
#### CONTINÊNCIA

$\alpha$  contém  $\beta$  se nem todos os segmentos de  $\alpha$  dominam  $\beta$ .

(Mioto et al.2013, p. 67/68)

As orações adverbiais podem em princípio se adjungir a qualquer uma das seguintes camadas: CP, sintagma complementizador, marca a força ilocucionária de uma sentença; TP, sintagma temporal, atribui ao verbo um morfema flexional e sempre seleciona um VP como seu complemento; VP, camada responsável pela informação argumental.

FIGURA 4 – REPRESENTAÇÃO DA POSIÇÃO DE UM ADJUNTO



FONTE – O autor (2020)

Uma relação estrutural fundamental entre dois elementos na sentença é a relação de c-comando. Mioto et al. (2013) apresentam a seguinte definição para essa relação: “ $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se  $\beta$  é o irmão de  $\alpha$  ou se  $\beta$  é dominado pelo irmão de  $\alpha$ ” (p. 56). A relação de c-comando subjaz a vários testes sintáticos utilizados para determinar o nível de adjunção das orações adverbiais. Na figura 3, por exemplo, o núcleo da projeção NegP c-comanda TP e todas as projeções

dominadas por TP. Discutiremos diferentes possibilidades de adjunção dessas orações no capítulo 3.

## **2 ESTUDOS GRAMATICAIS**

Neste capítulo, mostraremos como é realizada a organização dos períodos compostos segundo a Gramática Tradicional. Primeiramente, com o intuito de descrever de forma mais adequada as orações subordinadas, distinguiremos os períodos compostos por coordenação e subordinação. Detalharemos então as orações subordinadas e, por fim, trataremos especificamente das orações subordinadas adverbiais finais, objeto deste estudo, segundo a Gramática Tradicional e a Gramática Descritiva. Esta apresentação se justifica pelo fato de os estudos linguísticos mais atuais frequentemente basearem suas discussões nas classificações tradicionais, adotando em muitos casos a mesma nomenclatura (por ex., Neves, 2011; Lobo, 2003; 2013).

### **2.1 COORDENAÇÃO VS. SUBORDINAÇÃO**

As Gramáticas Tradicionais classificam os períodos compostos em dois grupos: períodos compostos por coordenação e períodos compostos por subordinação. Esta divisão se refere ao domínio sintático, ou seja, ao modo como as orações se dispõem e se relacionam dentro de um período.

O período composto por coordenação é normalmente definido pelas Gramáticas Tradicionais como sendo composto por orações sintaticamente independentes. Já o período composto por subordinação, é normalmente definido como um período composto por uma oração principal que se liga à uma ou mais de uma oração dependente. Neste primeiro momento, serão tratadas as características e diferenças desses dois tipos de período de acordo com a visão de alguns gramáticos brasileiros.

O período composto por coordenação é definido de maneira similar pelos três autores da Gramática Tradicional citados no segundo capítulo deste estudo. Segundo Rocha Lima (2010), o período composto por coordenação é a comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes. Cunha e Cintra (2013) declaram que o período composto por coordenação é constituído de orações autônomas, independentes e com sentido próprio. Essas orações não funcionam como termo de outra oração,

nem a eles se referem. Podem apenas relacionar-se com outra coordenada, “enriquecendo” com o seu sentido a totalidade de outra oração. Bechara (2009) nomeia as orações coordenadas como grupos oracionais, mas assim como os outros autores, afirma que orações coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes entre si e que podem figurar isoladamente.

Na sentença em (6a), temos um exemplo de oração coordenada. É possível classificá-las dessa maneira já que as duas orações podem ser separadas em dois enunciados independentes (6b-c):

(6) a. Pedro fez concurso para medicina, e Maria se prepara para a mesma profissão. (Bechara, 2009, p. 268)

b. Pedro fez concurso para medicina.

c. Maria se prepara para a mesma profissão.

As orações coordenadas são classificadas por Rocha Lima (2010), Cunha e Cintra (2013), bem como Bechara (2009) em dois tipos: orações assindéticas e orações sindéticas. Nas orações assindéticas, há uma pausa para marcar a fronteira das duas orações, são justapostas, uma ao lado da outra e sem qualquer conector. Nas orações sindéticas, há uma conjunção coordenativa que as inicia. No exemplo em (7), podemos observar um período composto por coordenação assindética, já que as orações coordenadas se sucedem naturalmente, sem a presença de uma conjunção coordenativa e apenas sendo realçadas por vírgulas. Rocha Lima (2010) ressalta também que, se os fatos têm ordem histórica, a narração deve também seguir em lugares sucessivos os momentos sucessivos do tempo. “Nem sempre é indiferente a ordem das orações no período composto por coordenação. Elas se hão de dispor conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos.” (Rocha Lima, 2010, p. 322). Ou seja, as orações coordenadas não são facilmente invertidas sem perder seu sentido original. Se invertêssemos o exemplo em (7) para “Vi, venci, cheguei.”, seu sentido original seria então perdido.

Já no exemplo em (8), podemos observar um período composto por coordenação sindética, já que a oração coordenada é iniciada pela conjunção coordenativa “porém”.

(7) “Cheguei, **vi, venci.**” (Rocha Lima, 2010, p.322)

(8) “As senhoras casadas eram bonitas, **porém Sofia primava entre todas.**” (Rocha Lima, 2010, p.322)

As orações coordenadas sindéticas, orações iniciadas por um conector, são ainda subdivididas recebendo uma denominação de acordo com a conjunção que as introduzem. Rocha Lima (2010) e Cunha e Cintra (2013) classificam-nas como aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. Bechara (2009) resume essa classificação das orações coordenadas sindéticas em aditivas, adversativas e alternativas, excluindo as conclusivas e explicativas, pois, segundo o autor, “certos advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas” (Bechara, 2009, p.270). Para exemplificar essa classificação, a sentença em (9), seria considerada como uma oração coordenada sindética adversativa, já que é iniciada pelo conector “mas”, que enlaça essas orações apontando uma oposição entre elas.

(9) Estava frio, **mas ela não o sentia.** (Cunha e Cintra, 2013, p.401)

O período composto por subordinação também é definido de maneira similar pelos três autores da Gramática Tradicional aqui citados. Rocha Lima (2010) afirma que no período composto por subordinação há uma oração principal, que traz presa a si, como dependente, outra ou outras. Cada uma delas tem seu papel como um dos termos da oração principal. Cunha e Cintra (2009) afirmam que as orações subordinadas funcionam sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração. Bechara (2009) classifica a oração subordinada como aquela que exerce uma função sintática sobre a oração principal, porém, o autor tem uma visão diferente dos outros dois citados acima, pois defende que as orações subordinadas são independentes do ponto de vista sintático, podendo aparecer sozinhas, além de nomeá-las orações complexas.

Podemos observar no exemplo em (10) uma oração subordinada, já que se liga à oração principal.

(10) É certo **que o trem já partiu**. (Rocha Lima, 2010, p.326)

Dependendo da função sintática que desempenham na oração principal, os autores citados classificam as orações subordinadas como substantivas, adjetivas e adverbiais. Já dependendo da forma como se articulam à oração principal, Cunha e Cintra (2009) e Bechara (2009) classificam as orações subordinadas como desenvolvidas e reduzidas, enquanto Rocha Lima (2010) acrescenta ainda à esta classificação as orações justapostas. As orações subordinadas serão detalhadas na seção seguinte para melhor entendimento.

É importante ressaltar que a classificação de períodos compostos na Gramática Tradicional é um pouco restrita, considerando-se que se trata de um fenômeno bastante complexo. Kenedy e Othero (2018) criticam e expandem essa dicotomia, que será mais desenvolvida na seção 4.1 deste estudo. O problema, segundo esses autores, é o de que devemos tomar cuidado para não confundirmos análise sintática com análise semântica. Uma oração subordinada é sempre “dependente” de sua principal de um ponto de vista estritamente sintático, porém, nem sempre o conteúdo presente na oração matriz é o “mais importante” da frase, por isso, não podemos afirmar que a(s) subordinada(s) seriam dependentes de uma oração matriz em termos semântico-discursivos.

## **2.2 ORAÇÕES SUBORDINADAS**

Como pudemos observar na seção anterior, as orações subordinadas são aquelas que exercem funções sintáticas em outras orações. Essas orações são comumente subdivididas na Gramática Tradicional quanto à função e à forma que desempenham na oração principal.

Quanto à forma e ao modo que se articulam na oração principal, Cunha e Cintra (2009) e Bechara (2009) classificam as orações subordinadas como desenvolvidas e reduzidas, enquanto Rocha Lima (2010) acrescenta ainda a esta classificação as orações justapostas.

As orações subordinadas desenvolvidas trazem o verbo na forma finita e são encabeçadas por um conector, como podemos observar no exemplo em (11), onde o verbo “partir” está conjugado e a oração é iniciada pelo conector “que”, uma conjunção integrante segundo a Gramática Tradicional. As orações subordinadas reduzidas trazem o verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, como podemos observar no exemplo em (12), onde o verbo “estar” se encontra na forma infinitiva. Já as orações justapostas, têm forma de oração independente e não são encabeçadas por conector, como podemos observar no exemplo em (13).

(11) É certo **que o trem já partiu.** (Rocha Lima, 2010 p. 326)

(12) Todos nós havemos de morrer;  **basta estarmos vivos.** (OC, I, 420)  
(Cunha e Cintra, 2009 p. 408)

(13) Aristóteles costumava dizer aos seus amigos: **“Não há amigos.”** (Rocha Lima 2010, p. 331)

Quanto à função sintática que desempenham na oração principal, os três autores aqui citados subdividem-nas em: substantivas, adjetivas e adverbiais.

As orações subordinadas substantivas exercem funções próprias do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, aposto, predicativo, complemento relativo - abarcadas somente por Rocha Lima (2010) e Bechara (2009), complemento nominal - abarcada somente por Rocha Lima (2010) e Cunha e Cintra (2013) e agente da passiva - abarcada somente por Cunha e Cintra (2013). Podemos observar um exemplo de oração subordinada substantiva no exemplo em (14), onde a oração destacada exerce função de sujeito.

(14) Convém **que você estude.** (Bechara, 2009 p. 383)

As orações subordinadas adjetivas exercem funções próprias do adjetivo, como podemos observar no exemplo em (15), onde a oração subordinada destacada poderia ser substituída pelo adjetivo “*estudioso*”.

(15) O aluno **que estuda** vence na vida. (Bechara, 2009 p.383)

As orações subordinadas adjetivas são ainda subdivididas pelos três autores da Gramática Tradicional aqui trabalhados como explicativas e restritivas. As orações subordinadas adjetivas explicativas são um termo adicional, podem ser dispensadas sem o prejuízo da sentença, como podemos observar no exemplo em (16), onde a sentença “que era advogado” é apenas um comentário, podendo ser retirada da oração. Já as orações subordinadas adjetivas restritivas não podem ser dispensadas sem o prejuízo de sentido para a sentença, já que restringem, especificam, como podemos observar no exemplo em (17), onde a sentença “que se arrependem” especifica apenas uma parte dos pecadores, aqueles que se arrependem.

(16) Tio Cosme, **que era advogado**, confiava-lhe a cópia de papéis de autos. (Machado de Assis, OC, I, 734) (Celso Cunha e Lindley Cintra, 2013 p. 406)

(17) Os pecadores **que se arrependem** alcançam o perdão de Deus. (Rocha Lima, 2010 p. 336)

A pausa na oralidade e a pontuação na escrita, ou a falta delas, são imprescindíveis para diferenciarmos as orações subordinadas adjetivas explicativas e as orações subordinadas adjetivas restritivas, como pudemos observar nos exemplos em (16) e (17).

As orações subordinadas adverbiais exercem funções próprias dos advérbios ou locuções adverbiais. Estas orações podem ser: causais, comparativas, concessivas, condicionais, consecutivas, finais, temporais; conformativas, proporcionais, modais (abarcadas apenas por Rocha Lima (2010) e Bechara (2009)), modais e locativas (abarcada apenas por Bechara (2009)).

a. Oações subordinadas adverbiais causais estabelecem a causa, o motivo, a razão da ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (18).

(18) **Como está chovendo**, transferiremos o passeio. (Bechara, 2009 p. 406)

b. Orações subordinadas adverbiais comparativas (de igualdade, superioridade, inferioridade), estabelecem uma comparação com a ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (19).

(19) **Como linhas paralelas que não se encontram**, assim caminham nossas vidas. (Rocha Lima, 2010 p. 349)

c. Orações subordinadas adverbiais concessivas estabelecem um obstáculo que impedirá ou modificará a ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (20).

(20) **Embora chova**, sairei. (Bechara, 2009 p. 408)

d. Orações subordinadas adverbiais condicionais estabelecem uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar a ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (21).

(21) Tudo vale a pena **se a alma não é pequena**. (Fernando Pessoa, OP, p. 19) (Celso Cunha e Lindley Cintra, 2013 p. 406)

e. Orações subordinadas adverbiais consecutivas estabelecem consequência da ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (22).

(22) Janete é tão aplicada aos estudos **que não lhe sobra tempo para o trabalho**. (Bechara, 2009 p. 391)

f. Orações subordinadas adverbiais finais estabelecem a finalidade, o objetivo da ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (23).

(23) Ele mentiu **para que o deixassem sair**. (Rocha Lima, 2010 p. 238)

g. Orações subordinadas adverbiais temporais estabelecem o tempo da realização da ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (24).

(24) Saiu **antes que eu lhe desse o recado**. (Bechara, 2009 p. 413)

h. Orações subordinadas adverbiais conformativas estabelecem uma conformidade com a ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (25)

(25) Resolvi o problema **conforme o professor me ensinou**. (Rocha Lima, 2010 p. 237)

i. Orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção da ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (26).

(26) **A medida que remávamos**, eu lhe ia contando a história da minha vida. (Rocha Lima, 2010 p. 238)

j. Orações subordinadas adverbiais modais estabelecem o modo pelo qual se executou a ideia exposta na oração principal, como podemos observar no exemplo em (27).

(27) Fez o trabalho **sem que cometesse erros graves**

k. Orações subordinadas adverbiais locativas estabelecem localidade, ou são iniciadas por “onde”, “quem” e “quanto”, quando sem referência à oração anterior, como podemos observar no exemplo em (28).

(28) Não pode haver reflexão **onde tudo é distração**. (Bechara, 2009 p. 412)

Com essa classificação, é possível perceber que as orações subordinadas são subdivididas de acordo com seu valor semântico-discursivo, e quem atribui este valor a elas são os conectores que as introduzem. As orações finais, objeto deste estudo, são frequentemente iniciadas pelos conectores *para que*, *a fim de que*, *com o fim de*, pois estes apontam um sentido de finalidade. De acordo com o posicionamento da Gramática Tradicional de um ponto de vista estritamente sintático, não existem subdivisões para essas orações.

## 2.3 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS

Apresentaremos inicialmente as orações adverbiais finais de acordo com a discussão realizada pelos gramáticos, para em seguida focarmos nas discussões encontradas na Gramática Descritiva que, ao contrário da Gramática Tradicional, tem como principal característica apoiar-se mais fortemente nos Estudos Linguísticos. Desta maneira, será possível contrastar as visões destas duas gramáticas.

Rocha Lima (2010) afirma que as orações subordinadas adverbiais finais possuem as seguintes características: se desenvolvidas, são encabeçadas pelas conjunções *para*, *para que*, *a fim de que* e *que* (com sentido de *para que*), seguidas de verbo no subjuntivo, como podemos observar no exemplo em (29). Se reduzidas, são encabeçadas pelas conjunções *para*, *a fim de* e *por*, seguidas de verbo no infinitivo, como podemos observar no exemplo em (30).

Cunha e Cintra (2013) afirmam que as orações subordinadas adverbiais finais são aquelas que indicam a finalidade da oração principal e são iniciadas por uma das seguintes conjunções subordinativas finais: *para que*, *a fim de que* e *por que* (com sentido de *para que*), como podemos observar no exemplo em (31).

Bechara (2009) afirma que as orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam a intenção, o objetivo, o pensamento expresso na oração principal e são iniciadas por: *para que*, *a fim de*, *porque* e *que* (com sentido de *para que*), como podemos observar no exemplo em (32).

(29) Ele mentiu **para que o deixassem sair**. (Rocha Lima, 2010 p. 238)

(30) Reze com fervor **para alcançar perdão**. (Rocha Lima, 2010 p. 352)

(31) Não bastava a sua boa vontade **para que tudo se arranjasse**. (Cunha e Cintra, 2013 p. 393)

(32) Saíram **para que pudessem ver o incêndio** (Bechara, 2009 p. 412)

Basicamente, essa é a organização das orações subordinadas adverbiais finais segundo a Gramática Tradicional. Nota-se que os autores não se estendem na análise dessas orações, especificando apenas o seu sentido e as suas formas,

reduzidas e desenvolvidas, listando os conectores que introduzem essas orações, chamados por eles de conjunções. Para ilustrar os estudos descritivos, passamos a seguir às discussões realizadas por Neves (2011) e Castilho (2016).

Neves (2011) afirma que as orações finais, na maior parte das vezes, são expressas na forma infinitiva por uma oração iniciada pela preposição *para* ou pela locução conjuntiva *a fim de*, como podemos observar nos exemplos em (33) e (34). Porém, essas orações também podem ser iniciadas pelas locuções conjuntivas *para que* e *a fim de que*, como podemos observar nos exemplos em (35) e (36).

(33) Carlos bateu à porta do quarto da mãe **para ter, com ela, uma conversa preliminar.** (Neves, 2011 p. 885)

(34) A vítima, desesperada, procurou as autoridades policiais da Divisão de Vigilância Geral **a fim de** pedir providências. (Neves, 2011 p. 885)

(35) O governo devia ter antes educado o camponês **para que ele melhor aproveitasse a situação que hoje desfruta.** (Neves, 2011 p. 884)

(36) Mandarei Aristides arear a placa, **a fim de que a homenagem se renove.**

A autora acrescenta duas locuções que, embora com algum matiz modal, podem também introduzir construções finais e não foram mencionadas pelos autores da Gramática Tradicional aqui citados: *de modo que* e *de maneira que*, como podemos observar em (37) e (38).

(37) Desarmem-se os espíritos, eliminem-se prevenções e intolerâncias, **de modo que possam ser colocadas a serviço da saúde, da educação e do bem-estar dos povos as fabulosas somas que atualmente se empregam e se esterilizam na produção e manutenção de armamentos.** (Neves, 2011 p. 886)

(38) O que ele almeja é que nas empresas agrícolas haja relações pessoais entre os que nela trabalham, **de maneira que os colonos não se vejam empregados de um poder anônimo que lhes não sente as necessidades e não lhes compreende os desejos.** (Neves, 2011 p. 887)

Quanto à sua característica semântica, Neves (2011) define as orações finais como aquelas que expressam a finalidade ou o propósito que motiva a ideia expressa na oração principal. Além disso, a autora ressalta que o contexto mais característico de uma oração final é a ligação com uma oração principal que tenha um sujeito capaz de exercer controle sobre o evento expresso na final.

A autora afirma que as orações iniciadas por conjunção em modo finito constroem-se com sujeito diferente do da oração principal, enquanto as iniciadas por preposição no infinitivo não têm restrição de sujeito. Para ilustrar essa propriedade, Neves traz as sentenças em (39) como exemplo de oração em modo finito, onde o sujeito da oração principal é “leitura” e o sujeito da oração subordinada é “criança”, e em (40) como exemplo de infinitivo, onde o sujeito da oração principal “prisioneiro” também é o sujeito da oração subordinada. Porém, questionamos tanto o exemplo em (41) como a afirmação sobre a necessidade de sujeitos distintos no caso de orações finais em modo finito. Em primeiro lugar, no exemplo em (39), argumentamos que o verbo *servir* seleciona um complemento, e que a oração iniciada por *para que* cumpre, na verdade, essa função<sup>4</sup>. Não é possível, por exemplo, substituir *para que* por *a fim de que*, uma locução com sentido mais específico de finalidade (41). Além disso, parece possível realizar construções como as dos exemplos em (42) abaixo, onde o sujeito da oração final em modo finito, possui o mesmo referente do sujeito da oração principal.

(39) A leitura serve **para que a criança aprenda rapidamente o que não poderia alcançar só.** (Neves, 2011, p. 886)

(40) O prisioneiro foi trazido para a praça **para ser linchado.** (Neves, 2011, p. 887)

(41) \*A leitura serve a fim de que a criança aprenda rapidamente [...].

(42) a. Comprou uma gramática **para que entendesse mais detalhadamente sua língua.**

b. Bebia 3 litros de água por dia **a fim de que emagrecesse mais rápido.**

Quanto à modalidade que indicam, Neves (2011) classifica as orações finais em factuais, hipotéticas e contrafactuais. As construções finais factuais apresentam

---

<sup>4</sup> Discutiremos mais detalhadamente esse tipo de oração no próximo capítulo.

o verbo da oração principal no presente, como podemos observar no exemplo em (43) ou no passado, como podemos observar no exemplo em (44). As construções finais hipotéticas apresentam o verbo da oração principal no futuro (do presente ou do pretérito), como podemos observar no exemplo em (45) ou no imperativo, como podemos observar no exemplo em (46). As construções finais contrafactuais apresentam o verbo da oração principal no futuro do pretérito composto, como podemos observar no exemplo em (47).

(43) Vê que alguém, em uma pedra mais alta, lhe **faz** sinais nervosos **para que saia dali.**” (Neves, 2011 p. 889)

(44) Dona Leonor **fez** sinal **para que me aproximasse.** (Neves, 2011 p. 889)

(45) Não **recuaremos** do campo de luta, **a fim de que** as reformas exigidas pelo povo possam transformar-se em realidade. (Neves, 2011 p. 889)

(46) E **preste** bem atenção, **para que** depois não se assuste. (Neves, 2011 p. 889)

(47) Eu não sabia, que diacho, do que é que me acusavam nem o que **teria feito para ser tratado assim.** (Neves, 2011 p. 889)

Quanto ao nível em que estão construídas, Neves (2011) classifica as orações finais em orações circunstanciais, quando se ligam ao conteúdo proposicional da oração principal, como podemos observar no exemplo em (48), e orações de enunciação, quando modificam o próprio ato linguístico, como podemos observar no exemplo em (49).

(48) É preciso dar de comer a uma criança **para que ela cresça com saúde e amanhã seja um cidadão ou cidadã útil à sua pátria.** (Neves, 2011 p. 890)

(49) **Para dizer a verdade,** não sei o que se passa na cabeça do Rei. (Neves 2011, p. 890)

Neves (2011) ressalta que as finais circunstanciais e de enunciação se diferenciam em seu comportamento sintático. Para provar essa diferença, a autora realiza alguns testes: ao contrário das construções de enunciação, as construções

circunstanciais podem ser clivadas e focalizadas, como podemos observar no exemplo em (50); podem ser introduzidas com outros conectores de finalidade, como *com a finalidade de*, como podemos observar no exemplo em (51); podem ser objeto de interrogação, como podemos observar no exemplo em (52). Realizando os mesmos testes nas construções finais de enunciação, estas não parecem responder bem, como podemos observar nos exemplos de (53-55).

(50) **Foi para que** seguíssemos em frente **que** esboçou um movimento. (Neves 2011, p. 890)

(51) Em algumas empresas, as taxas mínimas exigidas, ou taxas-padrão, são definidas muito claramente, **com a finalidade de orientar as decisões sobre a fixação de preços e sobre investimentos**. (Neves 2011, p. 890)

(52) Você acha que esse sujeito vai parar na zona **a fim de quê?** (Neves 2011, p. 891)

(53) **\*Foi para dizer a verdade que** não sei o que se passa na cabeça do Rei.

(54) **#Com a finalidade de dizer a verdade**, não sei o que se passa na cabeça do Rei.

(55) **\*Não sei o que se passa na cabeça do Rei para dizer a verdade?**

Além disso, essa diferença sintática ficaria comprovada pelos seguintes fatos: (i) duas orações finais de tipos diferentes não podem ser coordenadas entre si, como podemos observar no exemplo em (56), e (ii) se ocorrerem os dois tipos de oração final no mesmo enunciado, a oração final do nível de ato de fala é mais externa que a final circunstancial, como podemos observar no exemplo em (57).

(56) **\*Para ser franco e para cavalgar** não conheço cavalo melhor que o meu. (Neves 2011, p. 891)

(57) Olhe, Santos, **para ser franco**, não conheço cavalo melhor do que o meu **para cavalgar**. (Neves 2011, p. 891)

Castilho (2016) apresenta uma descrição bem menos detalhada que a de Neves (2011) sobre as orações finais. O autor afirma que as adverbiais, de modo geral, exemplificam construções em que comparecem os modos indicativo e subjuntivo, porém, afirma que as orações finais só se constroem com o subjuntivo e são introduzidas pelas conjunções *para que* e *a fim de que*, como podemos observar no exemplo em (58) ou com o infinitivo preposicionado por *para*, como podemos observar no exemplo em (59). O autor cita ainda a definição utilizada por Bechara (2009), as adverbiais finais expressam a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento contido na sentença matriz.

(58) Vestiu-se bem **para que todos notassem**. (Castilho, 2016 p. 377)

(59) Vestiu-se bem **para ser notada por todos**. (Castilho, 2016 p. 377)

Nas outras duas gramáticas descritivas pesquisadas – Perini (2010) e Bagno (2013) – não foi encontrado nada propriamente relevante a respeito das orações finais.

## 2.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, primeiramente apresentamos a dicotomia coordenação vs. subordinação segundo a Gramática Tradicional, que se refere à organização sintática do período composto. Apresentamos também a subdivisão das orações subordinadas também segundo a Gramática Tradicional, que se pauta no domínio semântico-discursivo, normalmente definido pelo conector que introduz as orações. Por fim, detalhamos as orações subordinadas adverbiais finais, objeto deste estudo, segundo a Gramática Tradicional e a Gramática Descritiva.

Foi possível observar que a descrição feita por gramáticos descritivos não se distancia muito da descrição feita por gramáticos tradicionais. Neves (2011) é quem apresenta uma descrição mais detalhada, pois além do ponto de vista semântico-discursivo, a autora subdivide as orações finais quanto ao tempo/modo do verbo da oração matriz (factuais, hipotéticas e contrafactuais) e também quanto ao nível em que estão construídas (circunstanciais e de enunciação). Esta última subdivisão é importante para este estudo, pois distingue também sintaticamente

dois tipos de oração adverbial final. Para comprovar essa diferenciação, apresentamos neste capítulo alguns testes propostos pela autora; retomaremos essa discussão no capítulo 4, que aborda os estudos linguísticos.

### **3 PARA + INFINITIVO**

As orações adverbiais finais infinitivas, objeto central deste estudo, são prototipicamente iniciadas pelo conector *para*, tradicionalmente classificado como preposição, seguido de oração infinitiva; mais especificamente, são chamadas de orações subordinadas adverbiais finais reduzidas. Porém, é possível que esse conector introduza outros tipos de orações infinitivas, como orações completivas (tradicionalmente substantivas), orações relativas (tradicionalmente adjetivas), e algumas outras orações adverbiais além das orações finais: concessivas, consecutivas e condicionais. O objetivo deste capítulo é contrastar essas orações visando a distingui-las das orações finais. Em 3.1, apresentaremos as orações completivas, em 3.2, as orações relativas, e em 3.3, as orações adverbiais concessivas, consecutivas e condicionais. Em 3.4, apresentamos uma breve discussão sobre o estatuto categorial do conector *para* e assumimos que, no caso das adverbiais infinitivas finais, esse conector é uma preposição.

### 3.1 PARA + ORAÇÕES COMPLETIVAS

Além das orações subordinadas adverbiais finais, objeto deste estudo, há possibilidade de construir orações subordinadas completivas com a forma *para* + infinitivo. Mateus et al (2003) afirmam que as orações completivas são assim caracterizáveis pelo fato de a frase subordinada constituir um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior, cuja supressão determina a agramaticalidade dessa frase. As autoras ressaltam que as orações iniciadas pelo conector *para* seguido do verbo no infinitivo são selecionadas por alguns verbos declarativos de ordem, como podemos observar no exemplo em (60), no qual a oração completiva funciona como argumento do verbo *dizer*.

(60) Os pais disseram aos meninos **para virem para casa cedo**. (Adaptado de Mateus et al. 2003 p. 621)<sup>5</sup>

Magalhães (2016) também afirma que as orações subordinadas completivas são caracterizadas pelo fato de a oração subordinada ser sempre um argumento de

---

<sup>5</sup> Os exemplos marcados como adaptados foram retirados de estudos sobre o português europeu e adaptados ao português brasileiro.

um núcleo verbal, nominal ou adjetival da oração matriz, sendo por isso aproximada a uma expressão nominal. Segundo a autora, as orações completivas infinitivas introduzidas por *para* são tipicamente selecionadas por verbos. Magalhães (2016) aponta que essas orações são selecionadas por verbos diretivos que designam atos de fala e representam pedidos, ordens e exigências, como podemos observar nos exemplos em (61) e em (62), nos quais as orações completivas funcionam como argumento dos verbos *dizer* e *pedir*, respectivamente.

(61) A professora disse **para você não copiar**. (Adaptado de Magalhães, 2016, p.53)

(62) Nós pedimos ao professor **para sair(mos) mais cedo**. (Magalhães, 2016, p.54)

Silvestre e Rodrigues (2017) observam igualmente em seu estudo que o conector *para* pode introduzir uma oração que preenche a posição de um sintagma nominal e funciona como argumento do verbo, se comportando como introdutor de uma oração subordinada completiva, como podemos observar no exemplo em (63), no qual a oração completiva funciona como argumento do verbo *servir*.

(63) Ivan (Visivelmente embriagado) Ah, eu que sou idiota! Você é que está organizando uma vernissage no mictório desta infecta taberna pra mostrar esta merda que você chama de arte e que só serve **pra te promover** e eu é que sou idiota. Ah, é? Obrigado. (Corpus Roteiro de Cinema – “Bar Esperança, o último que fecha” ou Não se preocupe, nada vai dar certo). (Silvestre e Rodrigues, 2017, p. 100)

Assim, as orações adverbiais finais se distinguem das orações discutidas acima por exercerem a função de adjunto na sentença, não de complemento. Para exemplificar essa distinção, é possível observar que a oração introduzida por “para” em (64a), tradicionalmente classificada como uma oração final, funciona como adjunto, podendo ser dispensável sem que cause prejuízo na sentença, enquanto a

oração introduzida por “para” em (65a), tradicionalmente classificada como uma oração completiva (substantiva) funciona como complemento, não podendo ser dispensada sem que cause prejuízo na sentença.

(64) a. A diretora da escola fez uma reunião **para debater uma questão importante**.

b. A diretora da escola fez uma reunião.

(65) a. O médico pediu **para que você retornasse no mês seguinte**.

b. \*O médico pediu.

### 3.2 PARA + ORAÇÕES RELATIVAS

Além das orações subordinadas adverbiais finais e das orações completivas, há possibilidade de construir orações subordinadas relativas com a forma *para* + infinitivo, que também indicam finalidade.

As orações relativas são definidas na literatura como modificadores típicos dos nomes, restringindo a extensão do conjunto denotado por eles, podendo ser de dois tipos: restritivas, que pertencem ao mesmo sintagma nominal do nome ao qual restringem, e apositivas, que se destacam do sintagma nominal antecedente, introduzindo apenas um comentário acerca do nome, e, por convenção, se representam por vírgulas, travessões ou parênteses. De acordo com Magalhães (2016), as orações apositivas (66) nunca admitem verbo no subjuntivo ou construções infinitivas, como podemos observar nos exemplos em (67a-b). Por conseguinte, apenas as orações subordinadas relativas restritivas podem ser usadas na forma infinitiva e ser introduzidas pelo conector *para*, como podemos observar no exemplo em (68).

(66) A Torre dos Clérigos, **que fica no Porto**, é muito antiga. (Magalhães, 2016, p.44)

(67) a. \*A Torre dos Clérigos **que fique no Porto** é muito antiga

b. \*A Torre dos Clérigos **para ficar no Porto** é muito antiga. (Magalhães, 2016, p.44)

(68) **Os livros para ler nas férias** estão em cima da mesa. (Magalhães, 2016, p.44)

Silvestre e Rodrigues (2017), citando Mateus et alii (2003), também assumem que o conector *para* pode introduzir uma oração relativa, funcionando como morfema QU-, como ilustrado nos exemplos em (69) e em (70).

(69) Faça **para cortar bolo/que corta bolo**. (Silvestre e Rodrigues, 2017, p. 98)

(70) Eles não têm nada **para comer/que se coma**. (Mateus et alii, 2003, p. 684)

Duarte et al. (2015) analisaram em seu estudo as semelhanças e as diferenças entre as orações adverbiais infinitivas finais e as orações relativas infinitivas finais. As autoras afirmam que, quando em posição final, logo após um sintagma nominal, é difícil distinguir as orações relativas das orações adverbiais. Para resolver essa ambiguidade, as autoras sugerem testes para diferenciá-las. Um dos testes propostos é sintático. Neste caso, quando aplicamos a clivagem, se a oração é relativa, ela deve aparecer necessariamente após seu termo antecedente, o termo o qual ela modifica, como podemos observar no exemplo em (71), enquanto a oração adverbial não possui esse tipo de exigência quanto à sua posição, como podemos observar no exemplo (72).

(71) O peixe **para grelhar** está aqui. (Duarte et al., 2015, p. 244)

É o peixe **para grelhar** que está aqui. (idem)

# É o peixe que está aqui **para grelhar**. (idem)

(72) Ele trouxe o artigo para o Pedro rever logo (idem)

Foi o artigo para o Pedro rever logo que ele trouxe. (idem)

Foi o artigo que ele trouxe para o Pedro rever logo. (idem)

Um outro teste proposto no estudo de Duarte et al. (2015) é semântico: a possibilidade de perguntas com respostas sim/não. Neste caso, a oração relativa não aceita uma resposta sim/não que se refira ao seu conteúdo, como podemos observar no exemplo em (73), enquanto as orações adverbiais aceitam esse tipo de resposta, como podemos observar no exemplo em (74).

(73) O peixe **para ser grelhado** ainda não tem sal?

\* Não, tem **para ser frito**. (Duarte et al., 2015, p. 245)

(74) Comprou o peixe **para grelhar**?

Não, comprei **para fritar**. (Adaptado de Duarte et al., 2015, p.245)

Em suma, as orações relativas descritas acima possuem um sentido de finalidade, mas não são orações adverbiais, e sim orações relativas, já que modificam uma expressão nominal e não um evento.

### 3.3 PARA + OUTRAS ORAÇÕES ADVERBIAIS

Orações adverbiais caracterizam-se por sua heterogeneidade e por modificarem um evento, exercendo função sintática de adjunto adverbial. São classificadas de acordo com a circunstância expressa pela oração matriz.

Dentre as orações formadas por *para* + infinitivo, há ainda a possibilidade de construir orações subordinadas adverbiais não prototípicas, que não apresentam sentido de finalidade: orações concessivas, que exprimem uma expectativa que é contrariada, orações consecutivas, que exprimem um fato que é uma consequência e orações condicionais, que expressam condição.

Magalhães (2016) discute essas três orações em seu estudo. Podemos observar exemplos de orações subordinadas adverbiais com esses valores em (75)-(77). Em (75), a oração infinitiva tem valor concessivo, podendo ser

parafraseada por uma oração desenvolvida concessiva introduzida por *embora*. Em (76), a oração adverbial infinitiva tem valor consecutivo, podendo ser parafraseado por uma construção consecutiva. Em (77), a oração infinitiva tem valor condicional, podendo ser parafraseada por uma oração condicional de tipo enunciativo, ou seja, uma oração condicional que não se relaciona diretamente ao conteúdo proposicional da matriz, e sim à enunciação.

(75) Fala muito bem português **para ser norueguês/embora seja norueguês**. (Adaptado de Magalhães, 2016, p.40)

(76) A casa é muito pequena **para albergar tanta gente/tão pequena que não pode albergar tanta gente**. (Adaptado de Magalhães, 2016, p.40)

(77) **Pra ela não vir /Se ela não veio**, deve ter acontecido alguma coisa.

A autora ressalta ainda que, no caso dessas orações, o conector *para* não pode ser substituído por nenhum outro conector de finalidade sem tornar a frase agramatical, como pode ser observado nos exemplos em (78), (79) e (80)<sup>6</sup>.

(78) \*Fala muito bem português **a fim de/com o intuito de ser norueguês**. (Magalhães, 2016, p.40)

(79) \*A casa é muito pequena **a fim de/com o intuito de albergar tanta gente**. (Magalhães, 2016, p.40)

(80) \***A fim de/com o intuito de não vir**, deve ter acontecido alguma coisa.

Silvestre e Rodrigues (2017) citam que alguns gramáticos como Kury (1963) e Bechara (1982) também afirmam que o conector *para* pode introduzir orações adverbiais consecutivas, já que, segundo Bechara (1982, p.232) “pode haver um liame estreito entre a oração consecutiva e a final quando a consequência

---

<sup>6</sup> A impossibilidade de substituição por *a fim de* não é, no entanto uma garantia de que a oração não expresse de fato finalidade, como discutiremos no capítulo 4.

denota um efeito ou um resultado intencional.” Podemos ilustrar essa possibilidade na oração adverbial consecutiva no exemplo em (81).

(81) Estava muito bêbado **para entender o que estava acontecendo**.

Mateus et alii (2003) também afirmam que o conector *para* pode introduzir orações adverbiais consecutivas, ressaltando que essas são antecidas por expressões de quantidade como *muito*, *bastante* e *suficiente*, como podemos observar no exemplo em (82).

(82) O João é **suficientemente** trabalhador **para aguentar esse emprego**.  
(Mateus et alii, 2003, p.760)

É necessário observar que sentenças como (76), considerada como consecutiva por Magalhães (2016), e também sentenças como (81) e (82), podem ter igualmente uma leitura de finalidade em contexto adequado. Observe-se, por exemplo, a sentença em (83a), que tanto pode ter uma leitura consecutiva quanto de finalidade, como indicado em (83b-c), respectivamente. Em contexto adequado, a oração em (81) também pode ser interpretada como finalidade: ele estava muito bêbado justamente para que fosse capaz de entender o que estava acontecendo.

- (83) a. Essa arma é pequena, **para ser perigosa**.  
b. Essa arma é tão pequena, que não deve ser perigosa.  
c. Essa arma é pequena a fim de que seja perigosa

As outras orações adverbiais descritas aqui nesta seção (concessivas e condicionais) não foram mencionadas em Silvestre e Rodrigues (2017) nem em Mateus et alii (2003).

### 3.4 CLASSIFICAÇÃO DO CONECTOR “PARA”

O conector *para* é tradicionalmente classificado unicamente como uma preposição, porém, essa afirmação é questionável.

Segundo Mateus et al. (2003) e Magalhães (2016), ao introduzir orações completivas com verbos declarativos de ordem, o conector *para* tem estatuto de complementador, e não de preposição. Tais completivas têm a relação gramatical de objeto direto, e essa natureza é comprovada pelo fato de toda a oração infinitiva poder ser retomada anaforicamente por demonstrativos como *isso*, e não ser precedida pelo conector *para*, como podemos observar nos exemplos em (84) e em (85).

(84) A mãe disse **para o filho parar de gritar.**

A mãe disse **isso**. (Adaptado de Magalhães, 2016, p.55)

(85) Os jornalistas pediram ao chefe de redação **para mandar um repórter ao Oriente Médio.**

Os jornalistas pediram **isso** ao chefe. (Adaptado de Mateus et alii, 2003, p. 622)

Mateus et al. (2003) e Magalhães (2016) afirmam ainda que *para* tem o estatuto de preposição quando o conector introduz orações finais, orações relativas ou orações completivas com outros tipos de verbos (não declarativos de ordem). Essas orações podem ser retomadas anaforicamente por demonstrativos como *isso*, desde que precedidas da preposição *para*, como podemos observar na oração final no exemplo em (86), na oração completiva no exemplo em (87) e na oração relativa no exemplo em (88).

Mateus et al. (2003) ainda mostram que ao introduzir orações finais o conector *para* é uma preposição, porque nesses casos *para* não pode ser equiparável ao complementador *que*, como podemos observar no exemplo em (89).

(86) Comprei o vestido **para ir na festa.**

Comprei o vestido **para isso.**

(87) A indecisão contribuiu **para aumentar as dificuldades de gestão.**

A indecisão contribuiu **para isso.** (Mateus et alii 2003, p.622)

(88) Comprei uma faca **para cortar pão.**

Comprei uma faca **para isso.** (Adaptado de Magalhães, 2016, p. 60)

(89) Fugiste **para que ele não te visse.** (Mateus et al., 2003, p. 717)

Silvestre e Rodrigues (2017) propõem uma classificação diferente do conector *para* em relação às outras autoras, afirmando que, além de preposição, esse conector funciona (i) como uma conjunção subordinativa ao introduzir orações subordinadas adverbiais, no exemplo em (90), no qual o conector *para* liga a oração núcleo “ajoelha-se” à oração subordinada adverbial; (ii) como pronome relativo ao introduzir orações subordinadas adjetivas articulando-se com o sintagma nominal, podendo ser substituído pelo pronome relativo *que*, no exemplo em (91) e (iii) como conjunção integrante ao ligar a subordinada completiva com a oração principal ou com seu núcleo verbal, como no exemplo em (92).

(90) FELICIANO começa a recarregar o rifle, olhando ansiosamente em redor. Com os nervos, deixa cair algumas MUNIÇÕES. Ajoelha-se **para as apanhar.** Uma sombra surge à sua frente. (Corpus Roteiro de Cinema – A selva). (Silvestre e Rodrigues, 2017, p. 99)

(91) Estou ótimo. Sempre estive ótimo. Você sabe muito bem que minha estada aqui é um ato conspiratório **para impedir a minha trajetória mundana/que impede a minha trajetória mundana.** (Corpus Roteiro de Cinema - Elizabeth Vagabunda). (Silvestre e Rodrigues, 2017, p. 99)

(92) Ivan (Visivelmente embriagado) Ah, eu que sou idiota! Você é que está organizando uma vernissage no mictório desta infecta taberna pra mostrar esta merda que você chama de arte e que só serve **pra te promover** e eu é que sou idiota. Ah, é? Obrigado. (Corpus Roteiro de Cinema – “Bar Esperança, o último

que fecha” ou Não se preocupe, nada vai dar certo). (Silvestre e Rodrigues, 2017, p. 100)

### 3.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo, vimos que, além das orações adverbiais finais infinitivas iniciadas pelo conector *para*, existem outros tipos de orações infinitivas que são introduzidas por esse conector: orações completivas, orações relativas, e orações adverbiais concessivas, consecutivas e condicionais. Essa discussão foi realizada com o objetivo de que as orações finais, objeto deste estudo, fossem diferenciadas dessas outras orações aqui apresentadas.

Além disso, foi possível observar que os autores apresentam diversas classificações para o conector *para* de acordo com a oração a qual introduz: complementador/conjunção integrante, preposição, conjunção subordinativa e pronome relativo. Parece-nos mais coerente assumir, juntamente com Mateus et al. (2003) e Magalhães (2015), que, ao introduzir as orações finais, o conector *para* seja categorizado apenas como preposição, e não como conjunção, como propõem Silvestre e Rodrigues (2017). Analisaremos então as orações adverbiais infinitivas finais introduzidas por *para* como PPs adjungidos à oração que modificam.

## 4 ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Neste capítulo serão apresentados alguns estudos linguísticos que contribuem para uma melhor descrição sintática das orações finais, objeto de estudo deste trabalho. Iniciaremos o capítulo apresentando uma breve discussão sobre encaixamento e hipotaxe, uma distinção frequentemente discutida na literatura quando se trata do fenômeno tradicionalmente conhecido como subordinação. Em seguida, na seção 4.2, discutiremos as orações adverbiais de modo geral, e em 4.3, as orações finais, de evento e de enunciação. A seção 4.4 trata da distinção entre orações integradas e periféricas.

### 4.1 ENCAIXAMENTO x HIPOTAXE

Halliday (2004) afirma que orações podem se relacionar segundo seu grau de interdependência/taxis e segundo sua relação lógico-semântica. Esta interdependência entre duas orações possui dois graus: a hipotaxe e a parataxe.

A hipotaxe é a relação entre um elemento dependente e seu dominante, enquanto a parataxe é a relação entre dois elementos de estatutos iguais. Se fôssemos relacionar esses níveis à nomenclatura mais difundida pela Gramática Tradicional, a articulação por hipotaxe receberia o nome de subordinação, e a parataxe de coordenação. No entanto, essa dicotomia representa apenas “os extremos de um *continuum* de relações sintáticas em que diversos tipos de articulação oracional podem acontecer numa língua” (KENEDY e OTHERO, 2018, p. 90).

Antes de incluirmos as orações adverbiais nessa classificação, é necessário fazer uma distinção entre a relação de orações por encaixamento ou por hipotaxe. Segundo Kenedy e Othero (2018), o encaixamento entre orações ocorre quando uma dada oração é um constituinte de outra, quando a oração encaixada desempenha uma função sintática com relação ao verbo da oração matriz. Podemos observar no exemplo em (93) uma oração encaixada que desempenha função sintática de objeto direto com relação ao verbo “disse” da oração matriz.

(93) Aquele sociólogo disse **que a elite detestava o povo pobre**. (Kenedy e Othero, 2018 p. 90)

As orações encaixadas integram-se na oração matriz na condição de um de seus constituintes, seja um complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal), um especificador (sujeito, predicativo) ou um adjunto<sup>7</sup>. As orações encaixadas como complemento ou especificadores são denominadas tradicionalmente de orações substantivas, ou seja, essas orações são selecionadas como argumento de um núcleo N,V ou A existente na oração matriz. Já as orações encaixadas como adjunto de um NP localizado no interior da oração matriz são denominadas orações relativas. Os autores afirmam que, nas orações encaixadas, as orações substantivas caracterizam-se como um encaixamento de efeito puramente sintático, já que são argumentos oracionais, enquanto as orações relativas têm um efeito sintático-semântico, levando-se em conta que se adjungem a um NP e o modificam referencialmente.

Quanto à hipotaxe, Kenedy e Othero (2018) afirmam que em comparação às estruturas encaixadas, essas orações apresentam grau inferior de articulação sintática, já que o encaixamento ocorre de maneira mais rígida. Nas orações hipotáticas, temos uma articulação de efeito sintático-discursivo. Essas orações também desempenham função sintática em relação a oração matriz, assim como as encaixadas, porém, elas podem ter função de adjunto adverbial ou de aposto. No termo mais tradicional, as orações que desempenham função sintática de adjunto adverbial seriam denominadas orações adverbiais, enquanto as orações que desempenham função sintática de aposto seriam denominadas substantivas apositivas ou adjetivas explicativas.

Podemos observar no exemplo em (94) uma oração hipotática adverbial que desempenha função sintática tradicionalmente conhecida como adjunto adverbial com relação à oração matriz.

---

<sup>7</sup> Kenedy e Othero (2018) afirmam inicialmente que orações encaixadas inserem-se no domínio de uma oração matriz também na condição de adjunto. Na sequência do texto, compreende-se que a função de adjunto da oração encaixada está limitada ao caso dos tradicionalmente chamados adjuntos adnominais, com exclusão dos chamados adjuntos adverbiais.

(94) **Se você leu o livro**, o conteúdo da avaliação parecerá fácil. (Kenedy e Othero, 2018 p. 113)

Algumas características demonstram o fato das orações hipotáticas serem articuladas de maneira mais livre que as orações encaixadas. Uma dessas características é que essas orações podem adjungir-se em diferentes posições lineares, sendo à esquerda, à direita ou até mesmo entre a oração matriz, como podemos observar nos exemplos em (95a-c). Halliday (2014), entre outros pesquisadores, afirma que as orações adverbiais não são necessariamente adjuntos de VP, contrastando com as substantivas e as relativas, que devem ser complemento ou especificador de um núcleo lexical ou adjuntos de um NP.

(95) a. O Sindicato de Jogadores de São Paulo fez uma reunião **para debater a questão**.

b. **Para debater a questão**, o Sindicato de Jogadores de São Paulo fez uma reunião.

c. O Sindicato de Jogadores de São Paulo, **para debater a questão**, fez uma reunião.

Kenedy e Othero (2018) afirmam que o fato das orações hipotáticas terem essa variação de posicionamento linear será motivado por fatores discursivos, que estão além da compreensão puramente sintática da articulação entre orações. As orações adverbiais finais, objeto deste estudo, não possuem uma disposição linear rigidamente controlada na sentença, sendo então classificadas segundo esses autores como orações hipotáticas adverbiais.

## 4.2 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Como foi visto no capítulo 2, as orações adverbiais são tradicionalmente definidas como estruturas que desempenham função sintática de adjunto em relação a uma oração matriz, podendo ser eliminadas da oração sem que a tornem agramatical. Do ponto de vista semântico-discursivo, essas orações são geralmente

subdivididas em causais, comparativas, concessivas, condicionais, consecutivas, finais e temporais. Do ponto de vista morfossintático, essas orações são subdivididas em desenvolvidas (quando apresentam o verbo em forma finita, no indicativo ou no subjuntivo) e em reduzidas (quando apresentam o verbo em forma nominal, no infinitivo, no gerúndio, ou no particípio). Essa caracterização geral das orações adverbiais, nuançada pela consideração de que o fenômeno da articulação deve ser visto como um *continuum* e não como uma dicotomia, é geralmente adotada nos estudos linguísticos mais atuais como ponto de partida para discussões mais específicas.

Lobo (2013) afirma que as orações adverbiais não são semanticamente selecionadas pelo verbo da oração matriz, mas são introduzidas por um conector, que é em grande parte responsável pelo valor semântico que a oração adverbial adquire, e funcionam como adjunto do predicado ou da frase. Como essas orações estabelecem uma relação de dependência com a oração matriz, a autora afirma que essas orações fazem parte da estrutura da subordinação, assim como as orações completivas e relativas. Porém, o que diferencia as orações adverbiais das outras duas é que a articulação da oração adverbial com a oração matriz se dá de maneira mais livre, fato que é comprovado quando retiramos a oração adverbial sem que ela cause agramaticalidade na oração como um todo.

Lobo (2013) menciona uma propriedade que permite relacionar as orações adverbiais às estruturas de subordinação: a possibilidade de coordenação. É possível coordenar orações completivas (96a), orações relativas (96b) e também as orações adverbiais (96c).

(96) a. O Pedro acha [que a situação vai melhorar] e [que o desemprego vai diminuir]. (Lobo, 2013, p. 1989)

b. O livro [que eu te ofereci] e [que era do meu avô] tem umas fotografias lindas. (idem)

c. Fechamos a porta [para que as crianças não ouvissem a conversa] e [para que ninguém nos incomodasse]. (Lobo, 2013, p. 1990)

Quanto à diferenciação das estruturas de subordinação (completivas, relativas e adverbiais), Lobo (2013) destaca que elas se distinguem entre si pelo comportamento relativo a certas propriedades sintáticas. Para demonstrar essa afirmação, a autora realiza alguns testes que distinguem as orações adverbiais dos outros tipos. Primeiramente, segundo a autora, com relação às propriedades relativas à extração de constituintes, não é possível, por exemplo, que um constituinte de uma oração adverbial seja interrogado por um sintagma -Qu- inicial, como podemos observar nos exemplos em (97a-b), fato que pode ocorrer com as completivas, como podemos observar nos exemplos em (98a-b). Em termos mais gerais, uma extração é permitida a partir de um complemento, mas não a partir de um adjunto.

(97) a. João ficou contente **porque você telefonou para alguém**. (Adaptado de Lobo 2013, p. 1991)

b. \***Para quem** é que o João ficou contente porque você telefonou? (Adaptado de Lobo 2013, p. 1991)

(98) a. O João disse **que a Ana gostava de alguém**. (Lobo, 2013, p.1991)

b. **De quem** é que o João disse que a Ana gostava? (idem)

Além disso, as orações adverbiais possuem uma mobilidade maior, podendo ocorrer em posição inicial de frase, entre o sujeito e o predicado ou em posição final de frase, como podemos observar nos exemplos em (99-101). Essa mobilidade não acontece com as orações relativas, que só podem estar à direita do sintagma nominal que modificam, nem com as orações completivas, que não podem ocorrer entre sujeito e predicado.

(99) **Quando chegou em casa**, o João ligou a televisão. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1991)

(100) O João, **quando chegou em casa**, ligou a televisão. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1991)

(101) O João ligou a televisão **quando chegou em casa**. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1991)

Apesar dessa mobilidade, Lobo (2013) ressalta que nem todas as orações adverbiais aceitam facilmente as três posições citadas anteriormente, que é o caso das orações causais introduzidas pelo conector *como*, que se tornam agramaticais em posição final de frase, como podemos observar no exemplo em (102). Também é o caso de algumas orações participiais ou gerundivas que causam estranhamento quando em posição final de frase ou entre o sujeito e predicado, como podemos observar nos exemplos em (103) e (104)

(102) \*O Rui ficou em casa, **como estava chovendo**. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1992)

(103) ? O diretor da empresa teve que tomar medidas drásticas, **sendo a situação financeira muito grave**.” (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1992)

(104) ? O diretor da empresa, **sendo a situação financeira muito grave**, teve que tomar medidas drásticas. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 1992)

### 4.3 ORAÇÕES FINAIS DE EVENTO VS. DE ENUNCIÇÃO

De acordo com o que foi discutido acima, as orações finais podem ser de fato classificadas como orações subordinadas adverbiais, ou mais especificamente orações hipotáticas adverbiais. Em primeiro lugar, as orações finais não são selecionadas pelo predicador da oração em que ocorrem (105a), podendo ser removidas sem que tornem a oração agramatical. Além disso, não é possível extrair um constituinte de uma oração final (105b) e essas orações apresentam mobilidade na sentença (105c-d).

- (105) a. Ana comprou uma gramática (para que o filho estudasse sintaxe).  
b. \*O que Ana comprou uma gramática para que o filho estudasse?  
c. Para que o filho estudasse sintaxe, Ana comprou uma gramática.  
d. Ana, para que o filho estudasse sintaxe, comprou uma gramática.

Segundo Lobo (2013), as orações finais podem ainda ser subdivididas em orações finais de evento, que descrevem a finalidade da situação descrita na oração matriz, e em orações finais de enunciação, que descrevem a finalidade de um ato de fala. Em outras palavras, as orações finais podem modificar seja um evento (o predicado) seja a própria enunciação (a frase).

As orações finais de evento são introduzidas por conectores como *para (que)*, *a fim de (que)*, *com o fim de*, e são normalmente interpretadas, segundo Lobo, como tendo sido realizadas intencionalmente para a obtenção de algum objetivo. Por isso, devem recuperar um argumento agente dotado de intencionalidade na oração matriz, caso contrário, essas orações se tornam agramaticais, como podemos observar no exemplo em (106), no qual é apresentado um verbo meteorológico, que não possui função semântica de agente. No entanto, Lobo especifica que não é necessário que exista de fato um argumento agente na oração matriz, pois essas orações são possíveis dentro de contextos que mostram que há uma entidade agente por trás da oração matriz, como podemos observar no exemplo em (107).

(106) \*Choveu para regar as plantas. (Lobo, 2013, p. 2012)

(107) Esta porta tem uma tranca para os ladrões não entrarem. (idem)

As orações finais de enunciação indicam a finalidade da enunciação da oração matriz. Essas orações possuem verbo declarativo e são direcionadas ao falante ou ao ouvinte, como podemos observar no exemplo em (108), e normalmente são introduzidas pelo conector *para (que)*. Além disso, apresentam restrições de pessoa, já que nas finais infinitivas só é admitida a primeira pessoa, como podemos observar no exemplo em (109), e nas finais finitas só é admitida a segunda pessoa, como podemos observar no exemplo em (110) ou a terceira pessoa com um pronome clítico, como podemos observar no exemplo em (111).

(108) **Para ser sincero**, não gosto de chocolate. (idem)

(109) **Para dizer a verdade**, o Rui foi promovido.

**\*Para o meu pai dizer a verdade**, o Rui foi promovido. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 2012)

(110) **Para que você(s)/ \*eu / \*ele saiba(m)**, o Rui foi promovido. (idem)

(111) **Para que se saiba**, o Rui foi promovido. (idem)

Uma outra característica ressaltada por Lobo (2013) sobre as orações finais de enunciação é o fato dessas orações estarem geralmente relacionadas com o momento presente da enunciação, como podemos observar no exemplo em (112) enquanto as orações finais de evento podem obedecer ao processo de concordância de tempos, como podemos observar no exemplo em (113).

(112) **Para que saiba**, o Rui foi promovido.

**\*Para que soubesse**, o Rui foi promovido. (Lobo, 2013, p. 2013)

(113) O Rui abriu a porta **para que a Ana entrasse**.

? O Rui abriu a porta **para que a Ana entre**. (Lobo, 2013, p. 2013)

Quanto à classificação sintática, Lobo (2013) afirma que as orações finais de enunciação se comportam de maneira diferente das orações finais de evento: as orações finais de enunciação são periféricas, enquanto as orações finais de evento são integradas. Esta classificação sintática será explicada na seção seguinte.

#### **4.4 ORAÇÕES ADVERBIAIS PERIFÉRICAS VS. INTEGRADAS**

Dentro do grupo das orações subordinadas, temos diferentes comportamentos sintáticos e semânticos. Lobo (2013), seguindo Haegeman (2002; 2006), afirma que é possível distinguir orações adverbiais em orações periféricas e integradas, em função do tipo de conectividade que mantêm com a oração matriz. Orações causais, explicativas, condicionais e finais podem ser integradas e periféricas, porém, as orações temporais são sempre integradas e as orações concessivas são sempre periféricas. Nesta seção, serão discutidas as diferenças

entre as orações periféricas e integradas, e os exemplos apresentados serão de orações finais.

As orações adverbiais integradas são aquelas que podem ser c-comandadas por elementos presentes na oração subordinante. Possuem assim maior ligação prosódica e estrutural com a oração matriz, e apresentam compatibilidade com processos de focalização. Seriam então orações que modificam o predicado. Já as orações adverbiais periféricas são aquelas que não podem ser c-comandadas por elementos presentes na oração subordinante. Por isso possuem menor ligação prosódica e estrutural com a oração matriz, são orações que ocorrem tipicamente em posição inicial – quando em posição final, são destacadas da oração matriz –, e apresentam incompatibilidade com processos de focalização. Seriam assim orações que modificam a frase. Em termos estruturais, Lobo assume que as adverbiais de predicado seriam adjungidas no interior da projeção temporal (TP), enquanto as adverbiais de frase seriam adjungidas acima da projeção temporal.

Uma primeira observação sobre esses dois tipos de orações mostra que orações adverbiais integradas (modificadoras de predicado) podem ocorrer em posição final sem marcação, como podemos observar no exemplo em (114), o que não acontece com orações adverbiais periféricas (modificadoras de frase), pois só ocorrem em posição final se precedidas de pausa, o que corresponde geralmente uma vírgula na escrita, como podemos observar no exemplo em (110).

(114) Abrimos a janela **para arejar a sala**. (Lobo, 2013, p. 2032)

(115) Não aprecio chocolates, **para ser sincero**. (idem)

Lobo (2013) realiza também testes de focalização que distinguem esses dois tipos de oração: clivagem, escopo da negação e de advérbios focalizadores, e interrogação parcial. Um resultado aceitável com os testes indicaria que a oração é uma adverbial de predicado, e um resultado inaceitável indicaria que a oração é uma adverbial de frase.

Orações adverbiais integradas admitem a ocorrência em estruturas clivadas, como podemos observar no exemplo em (116) o que não acontece com orações adverbiais periféricas, como podemos observar no exemplo em (117).

(116) Era **para arejar a sala** que abrimos a janela.

(117) \***É para ser sincero** que não aprecio chocolates. (Lobo, 2013, p. 2033)

Orações adverbiais integradas recaem sob o escopo da negação da oração principal, como podemos observar no exemplo em (118), o que não acontece com orações adverbiais periféricas, como podemos observar no exemplo em (119).

(118) Não abrimos a janela **para arejar a sala**, mas para ouvir melhor o som.

(119) \*Eu **não** aprecio chocolates, **para ser sincero**, mas para que você saiba.

Orações adverbiais integradas estão no alcance do foco de advérbios como *só* e *até* na oração principal, como podemos observar no exemplo em (120), o que não acontece com orações adverbiais periféricas, como podemos observar no exemplo em (121).

(120) O Rui **só** estava poupando dinheiro **para viajar**. (Adaptado de Lobo, 2013, p. 2034)

(121) # **Só** aprecio chocolates **para ser sincero**.

Orações adverbiais integradas admitem respostas a orações interrogativas parciais, como podemos observar no exemplo em (122), o que não acontece com orações adverbiais periféricas, como podemos observar no exemplo em (123).

(122) Para que vocês abriram a janela?

**Para arejar a sala.**

(123) Para que você aprecia chocolates?

**\*Para ser sincero.**

Orações adverbiais integradas admitem estruturas interrogativas alternativas, como podemos observar no exemplo em (124), o que não acontece com orações adverbiais periféricas, como podemos observar no exemplo em (125).

(124) Vocês abriram a janela **para arejar ou para escutar melhor o som?**

(125) \*Você aprecia chocolates **para ser sincero ou para dizer a verdade?**

(idem)

Para reforçar o fato de que as orações periféricas possuem menor ligação prosódica e sintática com a oração matriz, Lobo (2013) ressalta ainda que, as orações periféricas podem ocorrer com tempos distintos na oração principal e na subordinada, como podemos observar no exemplo em (126), enquanto nas orações integradas isso geralmente não ocorre, como podemos observar no exemplo em (127).

(126) Dei-lhe uma última oportunidade, **para que fique claro.** (Lobo, 2013, p. 2036)

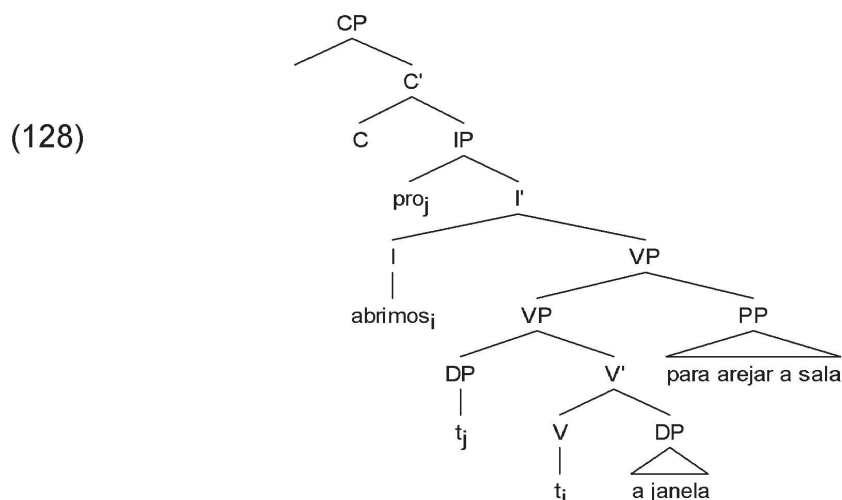
(127) Dei-lhe uma última oportunidade, **para que não me acusassem de ser injusto.** (idem)

O seguinte quadro mostra o resultado da diferenciação entre as orações finais de evento e das orações finais de enunciação de acordo com os testes aqui expostos.

QUADRO 1 - TESTES ORAÇÕES DE EVENTO X ORAÇÕES DE ENUNCIÇÃO

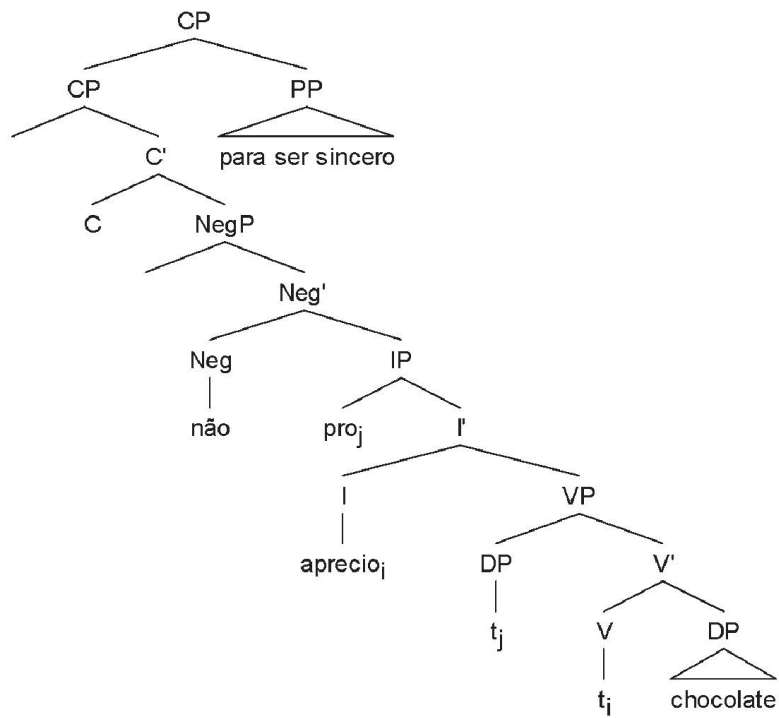
TESTES/ TIPOS DE ORAÇÃO	EVENTO	ENUNCIÇÃO
POSIÇÃO FINAL SEM MARCAÇÃO	✓	*
CLIVAGEM	✓	*
NEGAÇÃO	✓	*
FOCO DO ADVÉRBIO SÓ	✓	*
INTERROGAÇÃO PARCIAL	✓	*

Em suma, as orações adverbiais finais de evento e de enunciação podem ser analisadas respectivamente como adverbiais integradas e adverbiais periféricas. Assim, adotando a análise de Lobo (2003), as orações em (114) e (115) teriam as estruturas em (128) e (129) respectivamente. Em (128), a oração infinitiva “para arejar a sala”, analisada como integrada, é adjungida ao VP<sup>8</sup>; em (129), a oração “para ser sincero”, analisada como periférica, é adjungida ao CP, a projeção que forma a camada de interface com o discurso. No caso de a infinitiva aparecer no início da frase, a adjunção se daria à esquerda (129’).

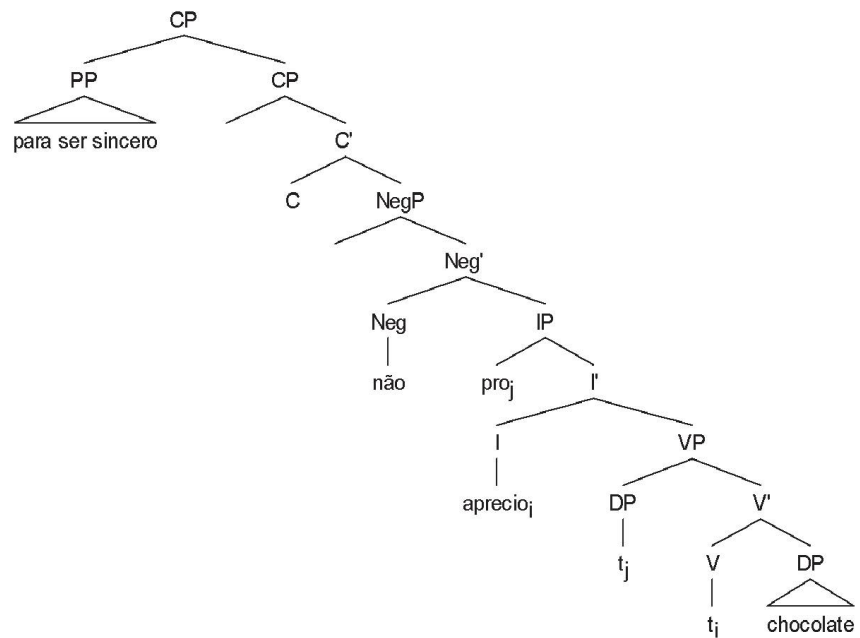


<sup>8</sup> Crucialmente, a oração estaria adjungida no interior de TP. Trabalhos futuros considerando a adjunção de sintagmas que denotem instrumento, por exemplo, podem ajudar a determinar mais especificamente a posição da oração.

(129)



(129')



## 4.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo, buscamos apresentar como é feita a descrição das orações adverbiais em alguns estudos linguísticos atuais.

Kenedy e Othero (2018) descrevem os tipos de articulação entre orações e as organizam no *continuum* encaixamento, hipotaxe e parataxe. Para este estudo, foi relevante apresentar as noções de (i) encaixamento, que ocorre quando dada oração é constituinte de outra, desempenhando função sintática na oração matriz, podendo nela inserir-se como complemento ou especificador (orações substantivas, por um encaixamento sintático) ou adjunto (orações relativas, por um encaixamento sintático-semântico) e (ii) hipotaxe, que ocorre quando dada oração é constituinte de outra, desempenhando função sintática na oração matriz, mas com grau inferior de articulação sintática, podendo inserir-se na matriz como adjunto adverbial (orações adverbiais) ou aposto (orações adjetivas explicativas), e adjungindo-se em diferentes posições. Esses autores analisam a articulação entre orações empregando termos descritivos da própria sintaxe, abandonando as tradicionais explicações de natureza semântica-discursiva encontradas nas gramáticas tradicionais.

Lobo (2003; 2013) reproduz, em certa medida, o que já foi dito por outros autores da Gramática Tradicional já citados neste estudo sobre o valor semântico das orações adverbiais, que é atribuído pelo conector que as introduz. A autora faz uma distinção sintática entre as orações adverbiais e as orações completivas e relativas, já que as orações adverbiais se comportam de maneira mais livre do que as outras. Para demonstrar tal informação, a autora realiza alguns testes que foram apresentados neste capítulo.

Assim como Neves (2011), citada no capítulo 3 deste estudo, Lobo (2003; 2013) faz a distinção entre orações que apresentam finalidade da situação descrita na oração matriz ou que apresentam finalidade do ato de fala. Porém, as autoras utilizam uma nomenclatura diferente com relação às orações que se ligam à situação descrita na oração matriz, nomeadas por Neves (2011) como orações circunstanciais e por Lobo (2003; 2013) como orações finais de evento.

Lobo (2003; 2013) subdivide ainda as orações adverbiais em (i) periféricas, orações que não podem ser c-comandadas por elementos na oração matriz, possuem menor ligação prosódica e estrutural com a matriz e tipicamente se encontram em posição inicial – quando em posição final, são destacadas da oração matriz; e (ii) integradas, orações que podem ser c-comandadas por elementos na oração matriz, possuem maior ligação prosódica e estrutural com a matriz e apresentam compatibilidade nos processos de focalização. A autora realiza alguns testes para diferenciar essas orações que foram apresentados neste capítulo, o que permitiu concluir que as orações de enunciação podem ser classificadas como orações periféricas, e as orações finais de evento, como integradas.

Os estudos apresentados neste capítulo visam contribuir (i) para a expansão da descrição apresentada por autores da Gramática Tradicional e (ii) para melhor compreensão do funcionamento das orações adverbiais. De forma mais geral, depreende-se que é necessário distinguirmos explicações sintáticas de explicações semântico-discursivas quando descrevemos orações, mas que essas análises devem ser relacionadas para que se obtenha um quadro descritivo mais completo. O próximo capítulo trata mais especificamente das orações adverbiais finais infinitivas de evento e das orações mirativas.

## 5 ORAÇÕES FINAIS DE EVENTO E ORAÇÕES MIRATIVAS

É objetivo central deste trabalho investigar e descrever as propriedades sintáticas das orações finais com foco nas orações finais infinitivas e nas orações mirativas no português do Brasil. Como visto na introdução desta dissertação, as orações mirativas se assemelham na forma às orações finais infinitivas introduzidas por “para”, mas possuem um sentido que não pode ser associado ao sentido de finalidade, expressando sobretudo uma atitude de surpresa, por vezes de ironia, por parte do falante. Assumimos o termo “mirativa” para essas orações com base na classificação proposta por Jędrzejowski (2018, 2019) para esse tipo de oração do alemão e do polonês.

Este capítulo visa assim à discussão das questões V e VI elencadas na introdução deste trabalho, quais sejam:

(V) As orações finais modificadoras de evento têm sempre o mesmo comportamento?

(VI) Há semelhanças sintáticas entre as orações mirativas e as orações finais tradicionais?

Iniciamos o capítulo com uma comparação em termos interpretativos entre as orações finais e as orações mirativas. Em seguida, discutiremos a estrutura das orações finais, mostrando que há pelo menos dois subtipos de orações subordinadas que denotam finalidade. As orações mirativas serão então comparadas às orações finais em termos estruturais.

### 5.1 DIFERENÇAS INTERPRETATIVAS

Em superfície, ambas as orações finais e as orações mirativas apresentam forma semelhante, já que são iniciadas pelo conectivo *para* seguido do verbo no infinitivo. Porém, essas orações apresentam diferenças interpretativas, que podemos observar nos exemplos em (130).

(130) a. Ana estudou **para passar na prova.**

b. Ana estudou o ano todo **(só) para esquecer todo o conteúdo.**

A oração infinitiva em (130a) da ação de estudar, expressa na oração principal. Esta é uma oração final típica. Já a oração infinitiva em (130b) denota uma situação inesperada, pois o objetivo de Ana ao estudar não era esquecer o conteúdo, porém, isso acabou acontecendo. Esta é uma oração mirativa.

Jędrzejowski (2018, 2019) apresenta orações semelhantes à do exemplo em (130b) em alemão (131) e em polonês (132). Em alemão e em polonês, tal como no português do Brasil, essas orações parecem carregar um outro valor semântico que não é o de finalidade, mas de um fato surpreendente, inesperado para o falante. Além disso, tais orações também podem apresentar um sentido de crítica/ironia. Em (129), por exemplo, o fato de colocar o guarda-chuva perto de si, certamente não implicaria na finalidade de esquecê-lo, bem pelo contrário.

(131) Sie stellte den Regenschirm neben sich  
she put. 3SG.PST the umbrella next REFL  
um \*wohl ihn \*wohl zu vergessen  
COMP DP him.ACC DP to forget.INF

'She put the umbrella right next to herself only to forget it anyway.' (Leys 1988: 97 *apud* Jędrzejowski, 2018, p.2)

'Ela colocou o guarda-chuva bem perto dela (só) para esquecer ele.'

(132) Anna uczyła się przez cały rok, żeby i tak nie  
Anna learn<sub>I-PTCP.3SG.F</sub> REFL through entire year COMP and so NEG  
zdać matury.  
pass<sub>INF</sub> school.leaving.exam

'Anna learned all the year only to not pass the school leaving exam anyway.'

'Anna estudou o ano todo só para não passar no exame final'.

Segundo o autor, no alemão e no polonês, as orações mirativas se assemelham às orações finais principalmente por serem iniciadas pelos mesmos conectores (*um* em alemão, *żeby* em polonês) seguido do verbo no infinitivo. Porém, quando movimentadas para a periferia esquerda da oração matriz, quando negadas ou quando formam respostas de questões ‘wh’, por exemplo, as orações mirativas perdem seu significado de surpresa e são automaticamente interpretadas como orações finais. No português do Brasil, as orações finais e as orações mirativas tem comportamento similar: são prototicamente iniciadas pelo conector *para* seguido do verbo no infinitivo e perdem seu valor de surpresa quando sofrem as operações sintáticas mencionadas. Essas operações serão discutidas na seção 5.3 deste estudo.

Jędrzejowski (2019) aponta ainda uma característica relevante na distinção entre as orações finais e as orações mirativas: as finais não exigem que o resultado ocorra, já que nem todas as intenções são realizadas com êxito. As mirativas, ao contrário, pressupõem que a ação da oração infinitiva já tenha ocorrido, ou seja, podemos julgá-la como verdadeira. Jędrzejowski discute então um exemplo do polonês (133) que pode apresentar as duas leituras. A primeira leitura, indicada em (133’) é a de uma oração final: sabe-se que era a intenção, a finalidade de Ana se mudar para os Estados Unidos para se casar, porém, não podemos afirmar se ela conseguirá alcançar seu objetivo. O questionamento expresso pela adversativa “mas eu não acredito nisso” é aceitável nesse caso. A segunda leitura, expressa em (133’), seria a de uma oração mirativa: o casamento de Ana é um fato, ou seja, Ana foi para os Estados Unidos e o casamento acabou acontecendo, o que parece ter surpreendido o falante. Essa leitura, no entanto, é dificultada pela presença da oração adversativa questionando a realização do casamento, porque a leitura mirativa pressupõe a verdade da infinitiva. As traduções dessa sentença para o português mostram que, nessa língua, as orações finais e mirativas têm o mesmo comportamento das orações do polonês.

- (133) Anna wyjechała do USA żeby wyjść za mąż,  
 Anna head.off<sub>I-PTCP.3SG.F</sub> to USA COMP get.married<sub>INF</sub>  
 ale ja w to nie wierzę.

but I in this NEG believe<sub>1SG</sub>

(133') 'Anna headed off to the USA to get married, but I don't believe it.'

'Ana foi para os Estados Unidos **para se casar**, mas eu não acredito nisso.

(133'') #'Anna headed off to the USA only to get married (anyway), but I don't believe it.'

#'Ana foi para os Estados Unidos só para se casar (de qualquer forma), mas eu não acredito nisso.

Whelpton (1995), em um trabalho sobre a sintaxe e a semântica das orações infinitivas de finalidade do inglês, apresenta um exemplo semelhante ao das orações mirativas discutidas acima. O autor denomina essas orações de téticas (134), enfatizando que elas apresentam um resultado inesperado e um evento que de fato ocorreu.

(134) Sven left Oxford forever only to be sent back on an assignment by the newspaper.

Sven deixou Oxford para sempre, **só para ser enviado de volta em uma tarefa da imprensa.**

Listamos abaixo alguns exemplos de orações mirativas no português brasileiro recolhidas nas redes sociais com o objetivo de mostrar que elas são comuns na língua. Em todos os casos a oração infinitiva denota uma situação ocorrida, não apenas uma intenção que pode ou não se realizar. O efeito surpresa atribuído a essas orações pelos autores é derivado do fato de o resultado obtido ser inesperado considerando-se a situação/evento veiculado pela matriz.

- (136) a. Abriu a boca só para piorar a situação.  
b. Vieram na aula só para ficar conversando.  
c. Tirou os brinquedos da caixa só para bagunçar, pois não brincou nem por 10 minutos.  
d. Comprou livros só para pegar poeira na estante.

- e. Comprou o livro só para se arrepender depois.
- f. Fiquei na fila do banco por horas para perder tempo, porque o gerente não resolveu meu problema.
- g. Aceitou se apresentar em um teatro só para ter uma crise de ansiedade
- h. Fui à balada para ficar sentada a noite inteira.
- i. Comecei a assistir o filme para dormir na metade.
- j. Fui até o banco só para descobrir que esqueci meu cartão em casa.

Na próxima seção, discutimos algumas propriedades estruturais das orações finais. Na seção seguinte, voltamos a discutir as orações mirativas comparando-as com as finais com relação à sua estrutura.

## 5.2 PROPRIEDADES ESTRUTURAIS DAS ORAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução deste trabalho, Duarte et alii (2015) dividem as orações adverbiais finais em dois subtipos: aquelas que apresentam um elemento nulo não sujeito (5a), renumerado como (137a) e aquelas que podem apresentar um elemento nulo sujeito como *PRO* (arbitrário ou controlado) ou *pro* (5b-c), renumerados como (137b-c). As autoras, no entanto, não aprofundam a discussão sobre as diferenças entre esses tipos de oração.

(137) a. Trouxe [o artigo]<sub>i</sub> para casa [para o Pedro rever [-]<sub>i</sub> logo]. (DUARTE et alii, 2015, p. 242-243)

b. Comprei um portátil novo [para *PRO* agradar ao Pedro].<sup>9</sup>

c. Comprei um portátil novo [para *pro/nós* agradarmos ao Pedro].

Whelpton (1995), com relação às orações infinitivas de finalidade do inglês, faz uma distinção entre orações que ele denomina  *finais*  e orações que ele

---

<sup>9</sup> Ver nota 2.

denomina *rationale*<sup>10</sup>, de acordo com algumas características de cada tipo de oração com relação ao controle exercido na oração infinitiva.

Segundo o autor, as orações finais são sempre controladas pelo objeto direto ou tema do verbo principal, como podemos observar nos exemplos em (138a-c)<sup>11</sup>, e possuem um elemento nulo (*gap*) obrigatório, que pode ocupar as posições de sujeito, objeto ou adjunto. Na sentença em (138a), é o tema *ice-cream* que exerce controle sobre o *gap* na posição de objeto. Na sentença em (138b), é o tema *freezer* que exerce controle sobre o *gap* na posição de adjunto. Na sentença em (138c), é o tema *Ute* que exerce controle sobre o *gap* na posição de sujeito.

(138) a. Sven handed Ute the ice-cream **e to put e in the freezer.** (Whelpton, 1995, p.5)

b. Sven opened the freezer for Ute **to put the ice-cream in e.** (idem)

c. Sven sent Ute into the kitchen **e to put the ice-cream in the freezer.**  
(idem)

Já as orações “rationale”, segundo o autor, se distinguem das orações finais pois não precisam conter *gap*, porém, se existir, este deve ocupar posição de sujeito. Além disso, o *gap* deve ser controlado por um agente. Podemos observar exemplos de oração “rationale” sem *gap* em (139a-b)<sup>12</sup>, e de oração “rationale” com *gap* controlado pelo agente em posição de sujeito da matriz em (139c-d), já que é David quem pretende manter o segredo, e não Damian, e, em (139d), é Mary que deu um tapa em Bill. O autor assume que as orações de tipo *rationale* apresentam o pronominal nulo PRO na posição de sujeito. Os exemplos agramaticais em (140) mostram que o elemento nulo nesse tipo de oração ocorre somente na posição de sujeito.

(139) a. David spoke Welsh for Damian **to feel more at home.** (Whelpton, 1995, p. 6)

---

<sup>10</sup> O termo *rationale* foi proposto por Faraci (1969) para esse tipo de oração.

<sup>11</sup> *e(mpty)* representa o elemento nulo.

<sup>12</sup> O autor assume que a preposição *for* aparece apenas para marcação de Caso.

- b. Mary slapped Bill for Tom to get annoyed. (Whelpton, 1995, p. 137)
- c. David spoke to Damian in Welsh e **to keep the gossip secret.**

(Whelpton, 1995, p. 6)

- d. Mary slapped Bill e to hurt him. (Whelpton, 1995, p. 137)

(140) a. \*Mary slapped Bill e to hurt e. (Whelpton, 1995, p. 137)

- b. \*Mary hit Bill with a hammer e to hurt him with e.

Whelpton especifica que é de fato o agente que controla o *gap* nesses casos e não o sujeito, o que é ilustrado pelos exemplos em (141). Em (141a), o Agente é sujeito da matriz; em (141b), o agente é o NP adjunto; em (141c), o Agente é um argumento implícito.

(141) a. The terrorists stole the plutonium e to intimidate Western governments.

b. The plutonium was stolen by the terrorists e to intimidate Western governments

c. The plutonium was stolen e to intimidate Western governments

Whelpton argumenta ainda que, geralmente, as orações “rationale” podem ser iniciadas pelo conector *in order*, ao contrário das orações finais. Em (142a), temos o exemplo de uma oração final, que se torna agramatical, segundo o autor, quando precedida pelo conector *in order*. Já em (142b), temos o exemplo de uma oração “rationale”, que pode ser precedida pelo conector *in order* sem tornar-se agramatical. O autor esclarece que, no caso de o *gap* de uma oração final ser preenchido, a oração subordinada passa a ser analisada como uma oração do tipo *rationale*, aceitando então o conector *in order*, com um resultado às vezes marginal. Os exemplos em (143) ilustram essa possibilidade.

(142) a. \*Sven opened the freezer in order for Ute **to put the ice-cream in e.**  
(Whelpton, 1995, p.5)

b. David spoke to Damian in Welsh in order **to keep the gossip secret.**  
(Whelpton, 1995, p.6)

- (143) a. John brought the tiger along (\*in order) for Tom to frighten Bill with e.  
b. John brought the tiger along (in order) for Tom to frighten Bill with it.

No português do Brasil, parece que o controle das orações finais ocorre de forma similar ao inglês. Em (144) temos exemplos de tipos de sentença que Whelpton denomina de “finais”. Na sentença em (144a), é o tema *o sorvete* que exerce controle sobre o *gap*. Na sentença em (144b), é o tema *o congelador* que exerce controle sobre o *gap*. Na sentença em (144c), é o tema *os meninos* que exerce controle sobre o *gap*.

- (144) a. João deu o sorvete para a Maria **para ela colocar \_\_\_ no congelador.**  
b. João abriu o congelador **para a Maria colocar o sorvete \_\_\_.**  
c. João mandou os meninos para a cozinha **para \_\_\_ colocar o sorvete no congelador.**

Em (145) apresentamos exemplos de tipos de sentença que Whelpton denomina de *rationale*. Na sentença em (145a), a oração não contém *gap*, e na sentença em (145b), o *gap* é controlado pelo agente em posição de sujeito, já que é Davi, e não João, que pretende manter a conversa em segredo.

- (145) a. Davi falou em alemão **para o João se sentir mais confortável.**  
b. Davi falou com o João em alemão **para \_\_\_ manter a conversa em segredo.**

Da mesma forma, segundo o autor, o elemento nulo ocorre apenas na posição de sujeito, como ilustrado pela agramaticalidade de (146a), e o controle é feito sempre por um agente, mesmo que este não seja o sujeito da sentença. Em (146b), o controle é feito pelo NP adjunto e, em (146c), por um argumento agente

implícito. É possível, no entanto, pensar que o controle em (146c) feito é obtido de alguma forma a partir do evento denotado pela oração principal.

- (146) a. \*Maria beijou o João para PRO agradar \_\_\_\_.  
b. O plutônio foi roubado pelos terroristas para intimidar o governo.  
c. O plutônio foi roubado para intimidar o governo.

Com relação à presença de um conector do tipo de *in order*, como *a fim de*, nas orações do português, os exemplos sugerem que há aparentemente uma diferença de aceitabilidade entre as orações “finais” e as orações “rationale”. As orações “rationale” (147a) podem ser iniciadas pelo conector *a fim de*, mas as orações finais não aceitam esse conector com a mesma facilidade (147b-c). Em (147b), a interpretação mais saliente é a de que João vai colocar o sorvete no congelador, não os meninos, o que torna a sentença pragmaticamente estranha. O exemplo (147c) é mais aceitável, mas não com a mesma naturalidade do exemplo (147a). Assim, parece haver de fato uma diferença entre os dois conectores correlacionada com uma diferença de tipos de oração infinitiva que indicam finalidade.

- (147) a. Davi falou em alemão **a fim de manter a conversa em segredo**.  
b. ???João mandou os meninos para a cozinha **a fim de \_\_\_\_ colocar o sorvete no congelador**.  
c. ??João abriu o congelador **a fim da Maria colocar o sorvete \_\_\_\_**.

Os dois subtipos de oração infinitiva de finalidade propostos por Whelpton parecem corresponder aos dois subtipos mencionados por Duarte et alii (2015), ilustrados pelos exemplos em (137), repetidos em (148) por conveniência.

- (148) a. Trouxe [o artigo]i para casa [para o Pedro rever [-]i logo].  
b. Comprei um portátil novo [para PRO agradar ao Pedro].  
c. Comprei um portátil novo [para *pro/nós* agradarmos ao Pedro].

As sentenças em (148b-c) corresponderiam ao tipo *rationale*. Em (148b), o elemento nulo, identificado como PRO, é controlado pelo agente sujeito da matriz. Em (148c), o elemento nulo deve ser identificado como *pro*, dado que o infinitivo é pessoal. Nesse caso, também é possível que o sujeito do infinitivo seja um elemento lexical, como *nós*. Além disso, a substituição do conector *para* por *a fim de* é bastante natural (149).

(149) Comprei um portátil novo a fim de agradar ao Pedro.

Já (148a) corresponderia ao tipo “final”: é o objeto tema da matriz que controla o *gap* na infinitiva e a substituição de *para* por *a fim de* é menos natural (150).

(150) ?Trouxe o artigo para casa a fim do Pedro rever logo.

Em síntese, a discussão realizada nesta seção sugere que as orações adverbiais infinitivas do português introduzidas por *para* geralmente identificadas como orações finais podem ser analisadas em dois subtipos distintos, que Whelpton (1995) chamou de “finais” e de “rationale”. Duarte et alii (2015) apontam para uma distinção do mesmo tipo, levando em conta o tipo de elemento nulo presente na oração infinitiva, mas não aprofundam sua descrição. Neste trabalho, reconhecemos essa distinção e, com base em Whelpton, apontamos para algumas propriedades dessas construções com o objetivo de ampliar a descrição dessas orações no português. No quadro seguinte, apresentamos um resumo sobre a análise das lacunas presentes nessas diferentes orações. A análise mais específica da sintaxe interna dessas orações, que explique seus diferentes tipos de lacunas e sua derivação, considerando a existência na língua do infinitivo pessoal, ficará para estudos futuros.

QUADRO 2 - LACUNAS DAS ORAÇÕES FINAIS

ORAÇÕES	GAP	POSIÇÃO DO GAP	CONTROLE
FINAIS	OBRIGATÓRIO	SUJEITO, OBJETO OU ADJUNTO	OBJETO DIRETO OU TEMA DO VERBO PRINCIPAL
RATIONALE	NÃO OBRIGATÓRIO	SUJEITO	AGENTE

### 5.3 AS ORAÇÕES MIRATIVAS

Na comparação das orações mirativas do inglês, chamadas de téticas por Whelpton (1995), com as orações finais típicas (finais e *rationale* nos termos de Whelpton) com relação às propriedades discutidas na seção anterior, verifica-se que, assim como nas orações “rationale”, o *gap* é opcional e só ocorre na posição de sujeito, mas nas mirativas o infinitivo é factivo, ou seja, o evento/situação de fato ocorreu, e o *gap* é controlado pelo sujeito sintático da matriz, independente da voz da oração ser ativa ou passiva. Nos exemplos em (151a-b) as sentenças são mirativas, sendo que em (151a) o *gap* é controlado pelo sujeito *John*, e, em (151b), o *gap* é controlado por *the leaves*, que é o sujeito do verbo *fall*, e não pelo agente *wind*, que nesta sentença ocupa a posição de *adjunto*.

(151) a. John entered the house, **to discover that everyone had already left.** (Whelpton, 1995, p.6)

b. The leaves were blown by the wind from the trees, **to fall in piles at the end of the garden.** (idem)

Em princípio, o mesmo parece ocorrer nas orações mirativas no português do Brasil. Na sentença em (152a), é o sujeito *João* que controla o *gap* da oração infinitiva, enquanto na oração em (152b) é o sujeito sintático o DP *as folhas* que controla o sujeito do verbo *cair*, e não o DO o *vento*, agente que ocupa posição de adjunto. No entanto, há exemplos em que isso parece não ocorrer, como em (136d), repetido em (152c), em que há um elemento nulo na posição de sujeito de *pegar* que não é controlado pelo sujeito da oração principal, mas se refere a *livros*, objeto de *comprar*. Considerando a existência do infinitivo pessoal no português e tendência dos falantes a não produzirem a flexão de plural, acreditamos que o elemento nulo nesta sentença deve ser analisado como *pro* e não PRO; esta sentença não constituiria então um contraexemplo para a descrição proposta acima.

(152) a. João chegou na festa **(só) para descobrir que todo mundo tinha ido embora.**

b. As folhas foram sopradas pelo vento **(só) para caírem no final do jardim.**

c. Comprou livros **só para pegar poeira na estante.**

Quanto ao conector que introduz das orações mirativas, parece que apenas o conector *para* funciona dando esse sentido de surpresa/crítica/ironia. Se utilizarmos outros conectores que normalmente iniciam as orações finais (*com o intuito de*, *a fim de*), a oração perde o sentido de surpresa/crítica/ironia, e acaba veiculando o sentido esperado de finalidade, como podemos observar nos exemplos em (153a-b). Dessa forma, como destacamos na seção anterior, parece haver uma diferença entre os conectores *para* e *a fim de* correlacionada com os tipos de oração infinitiva estudados. O conector *a fim de* possuiria inerentemente um sentido mais específico de finalidade, diferentemente do conector *para*, mais neutro.

(153) a. # Fui à balada com o intuito de ficar sentada a noite inteira.

b. # Saí de casa a fim de passar raiva.

Com o objetivo de discutir a sintaxe externa das orações mirativas e comparar com a sintaxe externa das orações finais aplicamos a elas alguns dos testes propostos por Lobo (2013), discutidos na seção 4.4. Vimos que testes sugerem que as orações finais ocupam uma posição baixa na sentença, pois podem sofrer processos de focalização. Analisamos então essas orações como PPs adjuntos de VP.

No caso da oração mirativa, ela pode, tal como a oração final, ocorrer em posição final sem marcação, como podemos observar no exemplo em (154).

(154) Saí de casa para passar raiva.

Com relação ao foco do advérbio *só* na oração principal, a oração mirativa parece funcionar denotando seu sentido esperado de surpresa/crítica/ironia, como podemos observar no exemplo em (155).

(155) **Ele só botou o feijão no fogo** para queimar!

Os testes de clivagem, escopo da negação e interrogativa parcial, no entanto, não são tão claros. No exemplo (156a), a oração infinitiva parece denotar o sentido de finalidade. Mas no exemplo (156b), com acento na infinitiva, ela não parece expressar uma finalidade, mas sim um resultado inesperado.

(156) a. **Foi para queimar que** ele botou o feijão no fogo.

b. **Foi (só) pra passar raiva que** eu saí de casa hoje!

Quando se tem a presença da negação na oração principal, a oração mirativa parece poder recair sob o seu escopo sem perder o sentido de surpresa. A sentença (157) poderia funcionar como uma réplica a alguém que já tivesse usado a construção mirativa *Ele botou feijão no fogo pra queimar!*

(157) Ele **não** botou o feijão no fogo **para queimar**, botou para torrar.

Quanto ao teste de respostas a orações interrogativas parciais, a leitura mirativa também parece possível, como podemos observar no exemplo em (158). A pergunta parece denotar finalidade, mas a resposta parece poder funcionar como uma oração mirativa.

(158) Para que ele botou o feijão no fogo? Para queimar!

Em síntese, as orações mirativas parecem ter um comportamento sintático bastante similar ao das orações de finalidade com relação fenômenos sintáticos, como clivagem, escopo da negação e de advérbios focalizadores e interrogativa parcial. Para melhor visualização desta similaridade, apresentamos no quadro seguinte uma comparação do comportamento das orações mirativas e das tradicionais orações finais.

QUADRO 3 - TESTES DAS ORAÇÕES FINAIS

TESTES/ TIPOS DE ORAÇÃO	EVENTO	MIRATIVA
POSIÇÃO FINAL SEM MARCAÇÃO	✓	✓
CLIVAGEM	✓	✓
NEGAÇÃO	✓	✓
FOCO DO ADVÉRBIO SÓ	✓	✓
INTERROGAÇÃO PARCIAL	✓	✓

Jędrzejowski (2019) testa igualmente a sintaxe externa das orações mirativas do polonês, verificando alguns fenômenos gramaticais, como movimento

para a periferia esquerda, negação e pergunta-resposta. De acordo com o autor, as orações finais e as orações mirativas do polonês apresentam diferença de comportamento com relação a esses fenômenos: autor considera que a oração mirativa do polonês, quando no escopo da negação ou quando deslocada para a periferia esquerda adquire sentido de finalidade; com relação ao teste de pergunta-resposta, o autor especifica que a oração mirativa não pode ser utilizada como resposta a uma pergunta Qu-, porque não há uma palavra Qu- apropriada que corresponda ao seu significado. Com base nesses resultados e em considerações de ordem semântica, Jędrzejowski analisa as orações finais como adjuntos de vP que não apresentam restrições de movimento, e as orações mirativas como adjuntos de TP fixos (*frozen*) em sua posição de base. Essa posição fixa das mirativas seria consequência da sua factividade.

Apresentamos em (159) exemplos do português com deslocamento da oração mirativa para o início da sentença, que não havia sido realizado anteriormente. Eles mostram que a oração mirativa perde seu sentido de surpresa com o deslocamento, adquirindo o sentido de finalidade.

- (159) a. Para passar raiva, eu saí de casa.  
b. Para queimar, ele botou o feijão no fogo.  
c. Para pegar poeira na estante, ela comprou esses livros.  
d. Para ficar sentada a noite inteira, fui pra balada.

Com exceção desse teste de deslocamento para a periferia esquerda, as orações mirativas do português aparentam comportamento semelhante ao das orações finais. No entanto, vimos também que essas orações apresentam distinções semânticas importantes, que possivelmente estariam refletidas na sua sintaxe. Embora julgemos necessário discutir a semântica das orações finais e mirativas e suas consequências para a análise sintática, como faz Jędrzejowski, não é objetivo deste trabalho realizar essa discussão. De qualquer forma, os resultados que obtivemos para os testes sintáticos realizados apontam para uma análise das orações finais de evento e das orações mirativas como adjuntos no interior de TP, conforme proposta de Lobo (2003), como discutido no capítulo 4. Nesse sentido é

que podemos afirmar que há semelhanças na sintaxe das orações finais e mirativas. Esperamos que o estudo realizado nessa dissertação possa contribuir para instigar futuras pesquisas sobre essas orações.

## 5.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, buscamos diferenciar as orações finais de evento e as orações mirativas. Primeiramente, na seção 5.1, comparamos essas orações em termos interpretativos, e mostramos com exemplos retirados de redes sociais que as orações mirativas são frequentemente utilizadas no português do Brasil. Verificamos que em todos os casos a oração infinitiva denota uma situação que já ocorreu, e que o efeito surpresa atribuído a essas orações pelos autores é derivado do fato de o resultado obtido ser inesperado considerando-se a situação/evento veiculado pela matriz.

Na seção 5.2, apresentamos as propriedades estruturais das orações finais a partir dos estudos de Duarte et alii (2015) e Whelpton (1995), e mostramos que as orações finais podem ser analisadas em dois subtipos distintos, denominadas por Whelpton (1995) de orações “finais” e orações “rationale”. O autor afirma que as orações “finais” são sempre controladas pelo objeto direto ou tema do verbo principal, e possuem um elemento nulo (*gap*) obrigatório, que pode ocupar as posições de sujeito, objeto ou adjunto. Já as orações “rationale” não precisam possuir um elemento nulo (*gap*), porém, se existir, este deve ocupar posição de sujeito e ser controlado por um agente. Os dois subtipos de oração infinitiva de finalidade propostos por Whelpton parecem corresponder aos dois subtipos mencionados por Duarte et alii (2015), que afirmam que as orações adverbiais são subdivididas naquelas que podem apresentar um elemento nulo sujeito como *PRO* (arbitrário ou controlado) ou *pro*, e naquelas que apresentam um elemento nulo não sujeito.

Na seção 5.3, buscamos compreender o estatuto sintático das orações mirativas; Verificamos que assim como nas orações “rationale” detalhadas na seção 5.2, o *gap* das orações mirativas é opcional e só ocorre na posição de sujeito, mas

nas mirativas o infinitivo é factivo, ou seja, o evento/situação de fato ocorreu, e o *gap* é controlado pelo sujeito sintático da matriz, independente da voz da oração ser ativa ou passiva. Realizamos nessas orações alguns dos testes propostos por Lobo (2013), discutidos no capítulo 4 e concluímos que, com exceção do teste de deslocamento para a periferia esquerda, as orações mirativas aparentam comportamento semelhante ao das orações finais. No entanto, é de se destacar que essas orações apresentam distinções semânticas importantes, que possivelmente estariam refletidas na sua sintaxe.

## 6 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, procuramos descrever mais amplamente as tradicionais orações subordinadas adverbiais finais, caracterizadas na gramática como orações que expressam uma finalidade ou intenção que motiva a ação expressa na oração matriz. Esta questão foi abordada dentro do arcabouço teórico do Gerativismo, mais especificamente no âmbito do modelo de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa (Chomsky, 1981; 1986; 1995). A descrição que propomos se concentra essencialmente em aspectos sintáticos das subordinadas adverbiais finais infinitivas, já que um recorte é necessário devido ao tempo disponível para a pesquisa, e a oração final infinitiva é o tipo de oração final mais estudado na literatura, principalmente por apresentar forma semelhante a outros tipos de orações infinitivas.

Para alcançar este objetivo, apresentamos a organização sintática do período composto segundo a Gramática Tradicional, que se pauta no domínio semântico-discursivo. Verificamos também a descrição dessas orações feitas por gramáticos descritivos, e concluímos que essas duas descrições não se distanciam muito, principalmente a respeito da classificação dessas orações.

Distinguimos as orações adverbiais finais infinitivas de outras orações infinitivas iniciadas pelo conector *para* (completivas, relativas, adverbiais concessivas, adverbiais consecutivas e adverbiais condicionais), para que pudéssemos evidenciar o objeto de estudo desta dissertação. Além disso, discutimos o estatuto sintático do conector *para* e concluímos, juntamente com Mateus et al. (2003) e Magalhães (2015), que, ao introduzir as orações finais, este conector seja categorizado apenas como preposição, e não como conjunção, como propõem Silvestre e Rodrigues (2017). Esta classificação levou a analisar as orações adverbiais infinitivas finais introduzidas por *para* como PPs adjungidos à oração que modificam.

Buscamos também apresentar a descrição das orações adverbiais em alguns estudos linguísticos atuais. Apresentamos a noção de encaixamento e hipotaxe a partir do estudo de Kenedy e Othero (2018), autores que analisam a articulação

entre orações empregando termos descritivos da própria sintaxe, abandonando as tradicionais explicações de natureza semântica-discursiva encontradas nas gramáticas tradicionais. Citamos Lobo (2003; 2013) que reproduz, em certa medida, o que já foi dito por outros autores da Gramática Tradicional já citados neste estudo sobre o valor semântico das orações adverbiais, que é atribuído pelo conector que as introduz;

Distinguimos as orações que apresentam finalidade da situação descrita na oração matriz das que apresentam finalidade do ato de fala a partir de Neves (2011), que nomeia essas últimas orações de circunstanciais, e Lobo (2003;2013), que as nomeia como orações finais de evento.

Mostramos, ainda de acordo com Lobo (2003;2013), que as orações adverbiais podem ser periféricas, orações que possuem menor ligação prosódica e estrutural com a oração matriz, e integradas, que possuem maior ligação prosódica e estrutural com a oração matriz. Apresentamos alguns testes propostos pela autora para diferenciar essas orações, e concluímos que as orações de enunciação podem ser classificadas como orações periféricas, e as orações finais de evento, como integradas.

Finalmente, buscamos diferenciar em termos interpretativos e sintáticos as orações finais de evento e as orações mirativas. Verificamos que em todos os casos a oração infinitiva das orações mirativas denota uma situação que já ocorreu, o que não ocorre nas orações finais de evento.

Para apresentar as propriedades estruturais das orações finais, utilizamos os estudos de Whelpton (1995), e concluímos que as orações finais podem ser analisadas em dois subtipos distintos, denominadas pelo autor de orações “finais” e orações “rationale”, que se distinguem entre si dependendo do controle e de exigirem ou não um elemento nulo (*gap*). Mostramos também que Duarte et alii (2015) menciona esses dois subtipos, embora de maneira menos aprofundada. A autora afirma que as orações adverbiais são subdivididas naquelas que podem apresentar um elemento nulo sujeito como *PRO* (arbitrário ou controlado) ou *pro*, e naquelas que apresentam um elemento nulo não sujeito.

Buscamos compreender o estatuto sintático das orações mirativas, e a partir da realização dos testes propostos por Lobo (2013), concluímos que com exceção do teste de deslocamento para a periferia esquerda, as orações mirativas apresentam comportamento sintático semelhante ao das orações finais, embora essas orações apresentem distinções semânticas relevantes, que possivelmente estariam refletidas na sua sintaxe.

Esperamos ter contribuído para uma descrição mais ampla das orações finais no português do Brasil, e para estudos futuros, pretendemos realizar uma análise mais específica da sintaxe interna dessas orações, que explique seus diferentes tipos de lacunas e sua derivação, considerando a existência na língua do infinitivo pessoal.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

BECHARA, E. **Moderna gramática do português contemporâneo**. (37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A nova gramática do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Contexto, 2016.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. **Knowledge of Language**. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DELANCEY, Scott. The mirative and evidentiality. *Journal of Pragmatics*, 2001.

DUARTE I., A. L. SANTOS & N. Alexandre. **How relative are purpose relatives?** Universidade de Lisboa, 2015.

HAEGEMAN, Liliane. **Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP** Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics, 2002

\_\_\_\_\_. **Conditionals, factives and the left periphery**, *LINGUA*, vol. 116, no.10, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 3ª Ed. Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. Routledge, London and New York, 2014.

JEDRZEJOWSKI, L. 2018. **Sentential adjuncts in flux**. Evidence from the diachrony of German um-zu-clauses. Comunicação apresentada no III GETEGRA International Workshop: Adjuncts em março de 2018.

\_\_\_\_\_. **On Adverbial Mirative Clauses in Polish**. Michigan Slavic

Publications, 2019

KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel Ávila de. **Para conhecer: Sintaxe**. São Paulo: Contexto,. 2018.

LOBO, Maria. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português**. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, 2003.

\_\_\_\_\_. Maria. Subordinação Adverbial. In: RAPOSO, E. et al. **Gramática do Português**, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

MAGALHÃES, Ana Maria Oliveira. **A preposição PARA e as Subordinadas Infinitivas Completivas, Relativas Infinitivas e Adverbiais Finais** - contrastes -. Tese de mestrado. Univesidade do Porto, 2016.

MATEUS, M.H.M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MIOTO , Carlos ; SILVA , Maria Cristina F igueiredo ; LOPES , Ruth . **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português** – 2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POLLOCK, Jean-Yves, **Verb-Movement, Universal Grammar and the Structure of IP**. Linguistic Inquiry, Vol. 20, 1989

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar; RODRIGUES, Violeta Virginia. **Cláusulas com para e sua multifuncionalidade**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 93-106, ago./dez. 2017.

WHELPTON, M. J. **The syntax and semantics of infinitives of result in English**. University of Oxford, 1995.